

quando *apenas te restar a* **dor** *de* parir falso **rebento**

útero **de** *cimento* **ou** *quando* nada sobrar *nem ao* **menos**

a trégua e seu *alento* *conversa* com o **silêncio** *espreita-lhe a*

resposta que **vem** *morna* quando a mola **do** sorrir **arrebentam**

Ou quando *o depósito que te* **abriga** *empoeirar* E apenas

aranhas e baratas **se** fizerem de amigas *abraça*

o vazio – que parece *ser simplório* mergulha **no** **transitório** e

barbeie-se **com** a *navalha* *do* esquecimento

graciano

Ano 1 - Edição 5- Nov/2010

ISSN: 2179-1031

5.

Finalmente a edição de outubro fica pronta! Apesar do atraso, a Graciano continua sendo feita com carinho e por voluntários que se dedicam muito para que a revista tenha conteúdos originais e interessantes. E é isso que você vai encontrar em cada página dessa quinta edição.

Para recompensá-los da demora, fizemos a sessão XXI de forma especial. Nela você vai conferir uma enquete com catorze escritores capixabas (ou que fixaram residência no estado nos últimos vinte anos). Eles falaram sobre seus processos criativos, trabalhos recentes, entre outras coisas.

Para o nosso Chá-das-sete recebemos uma figura muito conhecida no Estado: o poeta e jornalista Caê Guimarães. A entrevista rolou com muita descontração e Caê nos contou um pouco sobre a sua história, influências, novos projetos... E o resto você descobre lendo.

A Valise está preenchida, como sempre, de textos dos próprios cronópios. Poesias e contos que foram discutidos durante as reuniões e agora publicados.

Vale a pena conferir também as nossas Armas

Secretas com um texto inédito de Alessandro Darós e uma brincadeira entre Cida Ramal-des e Renato Fraga que resultou em poemas, também inéditos.

Na sessão Biblioteca Básica, Erly Vieira Jr re-senha sobre a poesia e um pouco sobre a vida de Waldo Motta, capixaba e autor dos livros “Bundo” e “Transpaixão”.

Além disso tudo, o nosso cronópio Sidney Spacini conta como foi sua experiência com as Videoliteraturas. Nesse trabalho, Sidney realizou duas vídeo-instalações e provou que não há barreiras entre a literatura e o vídeo.

Não podemos deixar de agradecer à Rede Cultura Jovem pelo apoio, que nos possibilitou colocar no ar edições de 1 a 5 e nos abriu caminhos para uma série de projetos e parcerias com outros jovens artistas, pesquisadores e coletivos capixabas.

Os Editores

*literatura brasileira feita no
espírito santo*

GRACIANO

Literatura Brasileira feita no Espírito Santo.

Novembro de 2010. Nº5, Ano 1.

EQUIPE EDITORIAL

Astrid Malacarne. Brunella Brunello. Daniel Vilela. Fernanda Barata. Gian Le Fou. Guilherme Rebêlo. Isabella Mariano. João Ligeiro. Leandro Reis. Lívia Corbellari. Lucas Rocha. Sidney Spacini.

ORIENTAÇÃO

Erlly Vieira Jr (Depcom-Ufes).

Colaboradores

Cida Ramaldes. Renato Fraga. Alessandro Darós.

DIAGRAMAÇÃO

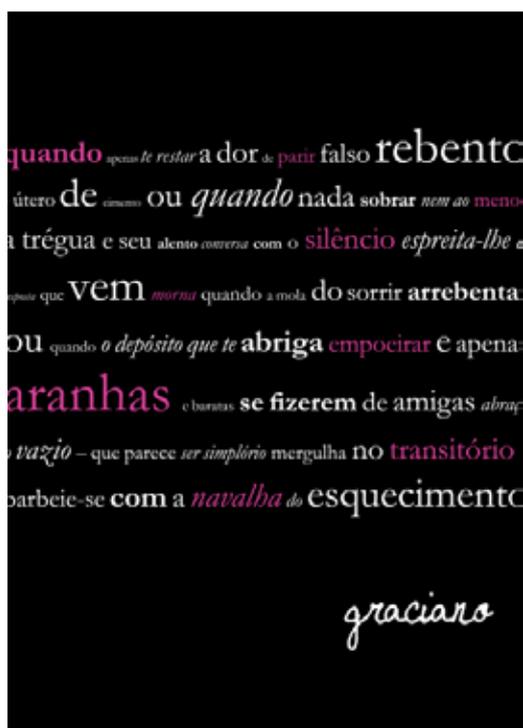
Lívia Corbellari, Lucas Rocha.

Projeto Gráfico

Daniel Fernandes, Lívia Corbellari, Lucas Rocha, Mainá Loureiro e Sidney Spacini.

REVISÃO

Erlly Vieira Jr. Fernanda Barata. Leandro Reis.



graciano

- 06 XXI Especial
- 44 Chá das Sete
- 54 Valise
- 62 Armas Secretas
- 68 Biblioteca Básica
- 72 Videoliteratura

Ano I, nº5

XXI

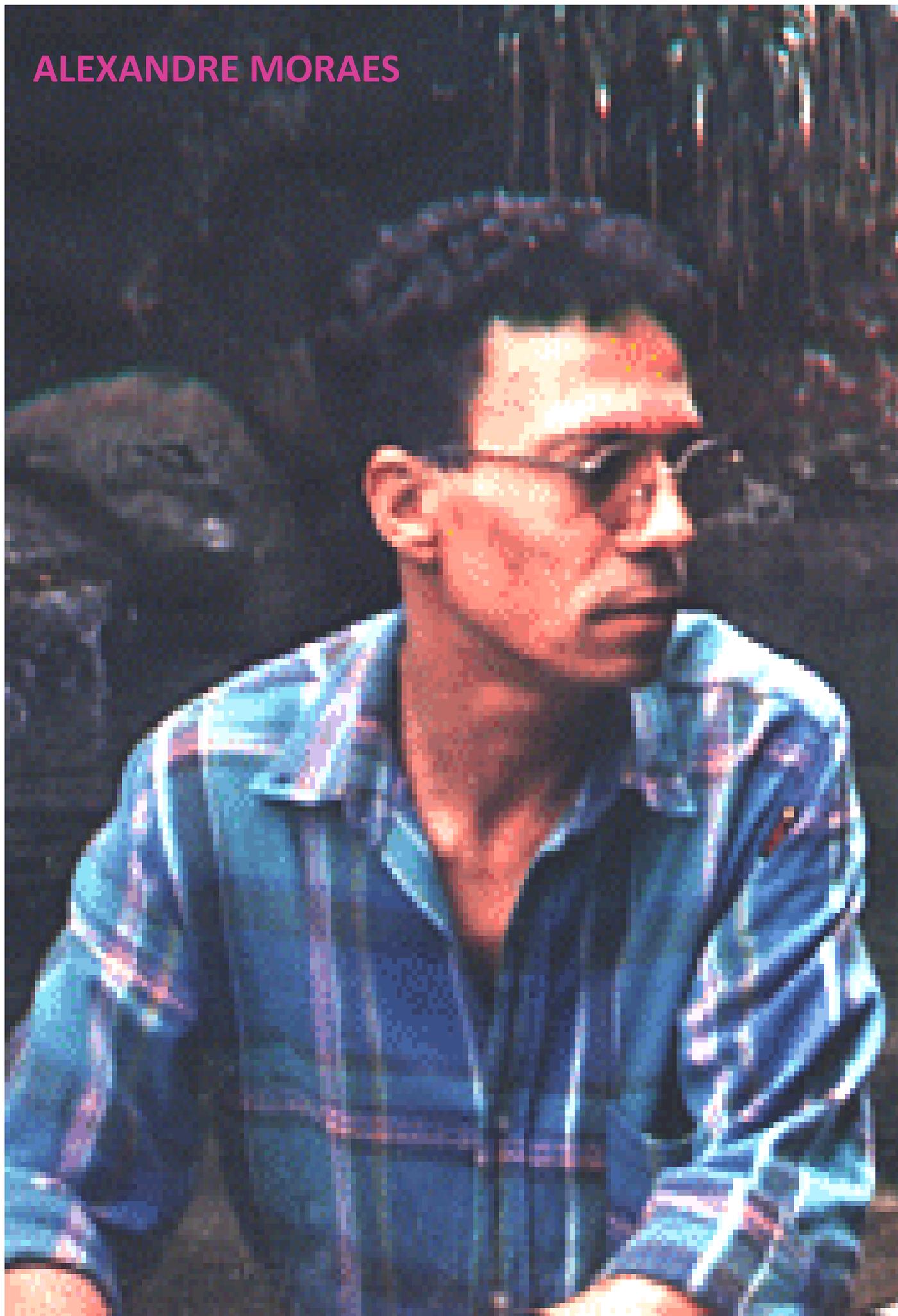
Especial

literatura deste início de século

Nossa revista está promovendo um mapeamento da produção dos escritores surgidos (ou que tenham fixado residência) no Espírito Santo nos últimos vinte anos, e que estejam produzindo/publicando atualmente. Foram enviados questionários para quarenta autores, dos quais catorze são apresentados nesta primeira parte do levantamento.

ALEXANDRE MORAES
ALINE TRAVAGLIA
ANDRÉIA DELMASCHIO
BERNARDO BARROS COELHO DE OLIVEIRA
BITH (WILBERTH SALGUEIRO)
CIDA RAMALDES
DANILO FERRAZ
ELTON PINHEIRO
GABRIEL MENOTTI
HERBERT FARIAS
JORGE ELIAS NETO
MARILENA SONEGHET
NELSON MARTINELLI FILHO
SAULO RIBEIRO

ALEXANDRE MORAES



ALEXANDRE MORAES

Local e ano de nascimento: Rio de Janeiro (RJ), 1955.

Obras literárias publicadas (ou no prelo):

Publicadas: Preparação para o exercício da chuva (Vitória: Aves de Água, 2010); A sequência de todos os passos (Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2009); Paisagem sobre corpo em silêncio (Vitória: Flor&Cultura, 2008); Coisas quebradas (Vitória: SECULT, 2005); Pequenos filmes sobre o corpo (Vitória: IHGES, 1997); Objetos com nomes (Vitória: Edufes, 1995); Prato do dia (Rio de Janeiro: Corações Tropicais edições, 1980); Pelo Bolso escuro (Rio de Janeiro: Edição do autor, 1978). **No prelo:** Pintura para primeiros barcos (ou o livro das implosões) que deverá sair em 2011 pela Aves de Água, aqui de Vitória e, também, uma espécie de “antologia recriada” que penso em lançá-la em 2011 por uma editora que me convidou do Rio de Janeiro ainda em acertos.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Não poderia afirmar com toda certeza, mas “existe”, possivelmente, pra mim, quando escrevo e estou em estado de escrita, umas imagens e metáforas que me traduzem (me criam potências) um pouco dessa vontade de estar e tocar o mundo: a chuva e o exercício e, por outro lado, o filme, quer dizer, o movimento que se capta da existência.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Pois é... cada poeta possui “um processo de criação”, para falar assim... O meu, se é que posso chamar de um “processo”, está mais ligado ao modo de operação em que me encontro e das relações que posso estabelecer com a vida em cada momento preciso. Poesia é um modo de habitação; “poeticamente, o homem habita” e nisto habitar significa operar, transformar, tentativa infinita de estar e ser, mas sobretudo, tentar operar com formas e sentidos. Disciplina imprecisa de escrita mais as impossibilidades e limitações da vida de escravidão, quer dizer, de trabalho, dão as tonalidades em que estou sempre inserido na hora de trabalhar. Trabalho todo dia praticamente, pois o poema nasce de contato com o mundo, da transformação do mundo diante de sujeitos múltiplos e, para haver poema, é preciso não se afogar na água do cotidiano e sua desmundialização, quer dizer, o mundo se encontra como dádiva e negação ao mesmo tempo e, nisto, a ação das escritas e falas se insere para transformar a dádiva do mundo em mundo efetivo e em manualidade e contato. Processo de inserção, de perseguição, de transformação e, então, a possibilidade de uma outra água, a do poema. Poesia é também estar na língua e, como digo lá num texto do “A sequência de todos os passos”, eu faço tudo para entrar na língua. Com a língua mantemos sempre relações complexas: não podemos sair e temos de entrar. A poesia diária tenta resolver a mim estas questões. Trabalhar todo dia pelas manhãs e no significado do dia, talvez aí uma forma de escrita, de estar na casa-mundo, de entrar na língua da qual não sei e não estou e é preciso criar territórios, deslizar sobre expansões de sentido, reinventar uma história dos passos a cada manhã em que se vai escorregando pela língua. Não concebo o poema nem antes nem depois do texto no papel nem tampouco durante: o poema tem outro tempo, o poema é sempre, todo dia, toda hora, todo segundo, faz-se no instante-já que se altera infinitamente a cada passo concreto sobre o dia e a noite.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

São tantas as referências que fico até meio confuso; falarei de algumas sem as quais nem respiro. Fiama Hasse Pais Brandão, referência de pós-adolescente importantíssima; Drummond, só pra variar na adolescência e sempre, os franceses Valery e Michel Deguy; Clarice Lispector, poesia pura sem versos, mas poesia em estado de ebulição cortante; Julio Cortázar; João Gilberto Noll, Caio Fernando Abreu, Fernando Pessoa e Herberto Helder, Caetano Veloso quando ainda poeta, Heidegger sempre. Hoje leio demais o Casé Lontra Marques, que é um dos maiores poetas que estão vivos e escrevendo e, nisso, faço coro com todo mundo que já leu a sua poesia e, mais, muita música pra escrever: Egberto Gismonti, Villa Lobos, Beethoven, Brandford Marsallis, Brahms, Miles Davis, Bach, Regina Spektor, e tanto mais que fico aqui com isso apenas.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Meu último livro foi o Preparação para o exercício da chuva que saiu pela Aves de Água neste ano de 2010, primeiro semestre. Como todos os outros, não me veio fácil e me veio (também como sempre) de uma totalidade de enchentes de questões inúmeras e de tormentos/sensações/desesperos/festas/olhos. Trabalhava todo dia nele até não aguentar mais ver o negócio. Eu me encontrava num desses momentos em que a gente está sob a água intensa em corpo e em objetos crus, quero dizer: me encontrava em estado de intensidade braba e foi assim que foi sendo escrito. Minhas conversas com Casé Lontra Marques quando o livro estava sendo feito me deram força pra continuar. Casé vive em estado de poesia, exala poesia por todos os lados e poros; então, certas conversas com ele mandam a gente pra frente, pros lados, pelos ares e eu posso ver a chuva e seu exercício, eu posso estar no mundo, eu posso pensar no mundo e sentir a enorme presença desse amor infindo. Acho que o Preparação é a sequência dos passos que venho dando desde de guri ainda quando rabiscava coisas nos papéis de pão e nos jornais velhos, quer dizer, o livro fala da chuva e vive a chuva e sua tontura, fala de estar no mundo, na água intensa de existir e estar sempre por um triz, por um estalo, por pedaço de tempo cortado sob a mesa do dia. Não saberia falar dos meus livrinhos como crítico; isso ainda não consigo, mas posso dizer que procuro um verso, um texto, que pode nem ser verso, mas me coloca em exercício de chuva e dor, até porque como diz o Casé, a dor nunca nos deixa sós. Meu próximo livrinho o Pintura pra primeiros barcos (ou o livro das implosões) vem neste eixo: são implosões que vivemos a todo instante, são mundos que se implodem e explodem, imagens que se colocam e implodem, lançam bombas nas coisas e nisso a que chamamos genericamente “eu”. Neste livro novo falo a língua das embalagens. O livro já está pronto e sai no primeiro semestre de 2011 e ainda me desespero com ele, ele ainda está chovendo sobre e derretendo as imagens e sendo preparado graficamente ao mesmo tempo, aliás, tudo assim mesmo.

ALINE TRAVAGLIA



ALINE TRAVAGLIA

Local e ano de nascimento: Vitória (ES), 1987

Obras literárias publicadas (ou no prelo): Poema da destruição (contemplado pelo Edital Secult/ previsto para 2010)

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Fazer poesia, arrumar palavras para dar conta do que é dispersão e desamparo é como fazer um teto e paredes para me abrigar, e abrigar tudo o que é humano para que não se dissolva na tempestade. Essa é a parte mais bruta, rude e enérgica do trabalho, mas existe também o cuidado e o cultivo do interior onde se habita, trabalho de organização e limpeza, momento de menos risco talvez, mas de idêntico caos: uma escrita mais leve e cotidiana, que é também atormentada.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

É um processo privado, tenho até um tanto de pudor com o que faço. Nas épocas mais férteis os versos me chamam e se arrumam na minha cabeça, às vezes, antes de encontrar um papel o poema já está pronto. Sempre é uma imagem, um afeto ou o som das palavras que me leva, a escrita é o resultado do processo, é só um registro do que aconteceu, não fico trabalhando a grafia ou os significados num arbítrio, as palavras que surgem são imperativas, pedem para ser escritas, alguma coisa ou outra é que pode falhar nessa transmissão e eu errar na mão por falta de sensibilidade, nessas horas que uso um pouco de racionalidade, mas refazer a sintonia seria o mais sensato o que nem sempre é possível e sai algo meio artificial ou o poema fica incompleto.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Minhas maiores influências são atuais, pessoas que conheci por via da palavra falada, dos recitais, e não da escrita. São pessoas daqui de Vitória, conterrâneos e contemporâneos. Os dois que mais me influenciaram foram Cida Ramaldes e Renato Fraga, depois conheci Viviane Mosé, pessoa que tive como referência para investir numa maior afinação de recitar.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

O último trabalho, que será publicado pela SECULT, é resultado da produção de fins de 2007 ao início de 2009, a seleção dos textos foi a meu critério e também ouvindo a opinião de alguns amigos e pessoas próximas a quem agradeço muito. Tentei fazer o livro de uma forma mais homogênea por isso excluí a maioria dos textos de outras épocas, também porque acho bom abandonar as coisas mais antigas quando me renovo.

ANDRÉIA DELMASCHIO



Foto por Maria Ines Sperandio

ANDRÉIA DELMASCHIO

Local e ano de nascimento: Vitória (ES) 1969.

Obras literárias publicadas: Mortos vivos (crônicas, 2008). Particpei das coletâneas Instantâneo (2005) e A parte que nos toca (2000), publicando contos em ambas.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Um dia alguém notou que a maior parte dos meus personagens era criança. Fiquei surpresa diante da constatação; principalmente porque nunca o tinha percebido. Não sei ao certo por que, mas, quando escrevo, parece que me embrenho, de algum modo, pela infância: a minha própria, a dos outros, a dos personagens crianças dos autores que aprecio... Existe narrativa mais bela e comovente que a do Miguilim? E a Menina a caminho, de Raduan Nassar? A Ofélia, de Clarice!, apenas para ficar em alguns exemplos... Talvez se nos livrássemos um pouco das normas que regem nosso comportamento cotidiano, nossa fala e nossa escrita corriqueiras, pudéssemos escrever textos que interessassem, que limpassem um pouco o idioma. Quando meus filhos começaram a falar, foi um espetáculo para mim. O “fazer literário” devia se dar desse jeito – pensei! Cada tartamudear, cada tateio em busca da palavra correta, a confusão entre sílabas etc, tudo parecia a mim uma revelação poética. Aprender a errar seria, assim, o caminho da escrita, e a imagem da infância está, para mim, portanto, radicalmente associada à do “fazer literário”.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

As mais variadas situações podem suscitar o desejo de escrita. Algumas vezes eu quis registrar em contos ou crônicas acontecimentos que achava demasiado singulares ou que pareciam tocantes, e o resultado foi desalentador. Atualmente os meus textos (sempre curtos e sempre em prosa) se iniciam de uma frase geralmente pensada durante o banho, no trânsito para o trabalho, escutada em sala de aula ou mesmo produzida em sonhos noturnos. Nunca sei se a frase vai se desdobrar a contento (a meu contento, claro, que sou meu primeiro e talvez único leitor), mas, desde que algo nela me convença a ir para diante do teclado, dou-lhe vazão, e é como se as palavras, apenas unidas ali, fossem se multiplicando por procriação, seguindo um ritmo quase alheio a minha vontade. Depois é ler, reler, cortar, retocar, deletar, abjurar...

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Quando criança, bem pequena, eu costumava me esconder no banco de trás do velho corcel de meu pai para ler. Consta que – filha de pais semi-alfabetizados – aprendi a ler aos quatro anos, a partir do contato com as bulas dos remédios. Em casa não tínhamos livros “dedicados a minha faixa etária”, porque só eram comprados os estritamente obrigatórios. Restavam-me então os Machados e Alencares e Azevedos sobre cujas tramas e personagens meus irmãos mais velhos tinham respondido em avaliações do tipo “estudo dirigido”, naquela época em que se cantavam três hinos ao sol escaldante do pátio antes de entrar marchando, em fila, para a sala de aula. Obviamente, nesse início não havia muita escolha, o que talvez tenha sido a minha sorte... Tudo o que alimentasse o imaginário era muito bem recebido por aquela menina ávida de mais mundos. Aos poucos porém chegou a hora da minha, a desejada obrigatoriedade, sem a qual as nossas estantes não teriam ido além da

Bíblia sagrada: podia entrar em casa (sinto como se tivesse se dado há um minuto) e ditar em voz alta, enfim, os títulos que teria que ler naquele semestre, “para avaliação”. Assim foram chegando, em doses homeopáticas, primeiro Lobato, Quintana e Cecília; depois Clarice, Graciliano, Lygia e muitos outros. Afora todos os da série Vagalume e os best-sellers que vinham grudados às caixas de sabão em pó, como brinde. Além disso, meu avô paterno, nono Euclides (que também aprendeu a ler sozinho, só que já adulto), nos presenteava, nas férias, com dezenas de livrinhos de cordel que tínhamos de declamar para ele em voz alta. Ele apreciava cada rima como quem saboreia uma fruta muito doce – eu podia ler isso no seu rosto. Ganhávamos tantos cordéis quantos fôssemos capazes de ler. E ainda furtávamos de sob o seu colchão, para folhear às escondidas, uns livros grossos, de Medicina, repletos de ilustrações tenebrosas e termos que nos arrepiavam os pelos do braço. Nunca soubemos como o nono teria conseguido aqueles livros de capa dura, e pairava também, se não me engano, um certo mistério sobre de onde trazia todo aquele cordel nordestino. Como leitura e escrita são para mim inseparáveis - a despeito da grande mentira que se reproduz por aí, de que se aprende a escrever, lendo -, creio que essas primeiras experiências marcaram para sempre a minha sensibilidade, com os universos que ali se desenhavam, com as sonoridades que eu lhes tirava (até hoje me lembro de poemas do Quintana memorizados naquela época) etc.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Os mortos vivos? Ai, aquele livro! Se não tivesse que tê-lo escrito, eu jamais o teria lido, acho. Mas, tudo bem: agora já foi. Não que me arrependa de tê-lo publicado; na verdade, quase que não. Trata-se de um livro desigual, incômodo. Eu vinha projetando tranquilamente dois livros diferentes, um deles baseado em sonhos noturnos, o outro em pesadelos diurnos. Eu achei que o erro foi juntar os dois. Apesar de reconhecer que o projeto geral foi um fracasso, gosto bastante de parte da primeira parte, que se baseia no meu querido livro de sonhos. E me deu muito prazer realizar a experiência que resultou na segunda parte, aquela que traz relatos fidedignos dos programas de televisão. Essa parte foi a que mais irritou os meus (cinco, seis) leitores. Devo ter sido muito ingênua ou ousada ao tentar abolir, por provocação, com toda e qualquer inferência ou interferência do narrador, dando voz direta aos animadores-pastores-apresentadores de tevê. Apenas o Fernando Gasparini (leitor um) parece ter entendido a roposta. O que não significa falha dos outros (cinco), mas antes falha minha. Ele escreveu um belo texto, intitulado “Estamos vivos?”, sobre o livro. Está no blog dele, no link <http://gasparinif.blogspot.com/2008/10/estamos-vivos.html>. Se puxar um pouco pela memória, encontrarei as razões de tê-lo tornado público. Mas ele me deu algo muito bom: nunca antes tinha colhido opiniões tão francas sobre algo que fiz. Isso me estimula. Devo guardar nos recônditos de mim um certo masoquismo, porque adorei poder colher opiniões tão inteligentes acerca do meu escrito.

Algum livro a caminho?

Encontro marcado é um romance que narra o encontro - nunca ocorrido - entre Clarice Lispector e Mário de Andrade. A partir da famigerada carta extraviada de Mário para Cla

rice, que não se sabe ao certo se realmente foi escrita e/ou enviada um dia – mas de cujo conteúdo dá à escritora alentadas notícias o amigo Fernando Sabino –, constrói-se o diálogo apaixonado dos dois sobre as suas próprias obras, sobre a vida, sobre a morte. É um trabalho que tem demandado uma pesquisa muito maior do que eu imaginava a princípio; é como uma armadilha difícilíssima em que me meti e da qual não consigo escapar, pois a cada passo que dou, mais me enredo no fato de não ter coragem de abandonar um projeto em que já tenha empreendido tanto esforço e tantos afetos. Não sei como esse texto “se encaixa no contexto” da minha escrita; nunca antes tentei escrever um romance. Li o primeiro capítulo para um amigo que é espírita e ele chorou copiosamente – não sei se comovido, ou se de pena. Afirmou porém que Clarice e Mário estavam presentes ali, e que ele pôde vê-los, como num transe. Me estimulou a continuar, mas não sei se vou conseguir publicar!

**BERNADO BARROS COELHO
DE OLIVEIRA**



Foto por Bernado Coutinho

BERNARDO BARROS COELHO DE OLIVEIRA

Local e ano de nascimento: Recife, 1965.

Obras literárias publicadas (ou no prelo): O fotógrafo da primeira dama (romance, 2006).

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Não seria bem uma metáfora, mas um objeto: o caderno de anotações. Uma metáfora bem portátil e palpável, sempre dentro da mochila. Não tenho pretensões de construir uma carreira literária, não projeto longe. Quero apenas ter o mínimo de satisfação com o resultado, pois assim continuo animado a continuar escrevendo, que é o grande barato. Ter um projeto em mente e fazer anotações, e depois trabalhar no texto propriamente, é a atividade mais absorvente que conheço.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

A construção de uma imagem, de uma personagem, através da sobreposição de idéias que vão surgindo e têm de ser anotadas. Todo pensamento que tenha alguma relação com a ideia tem de ser anotado, como numa espécie de controle de entrada de estrangeiros (essa comparação é de Walter Benjamin, num texto chamado 13 teses sobre o escritor, ou algo assim). Gosto de levar o caderno para fora de casa, encontrar lugares onde parar, olhar um pedaço de mundo que tenha algum movimento, e quando me lembro de algo, anoto.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

É difícil delimitar essa lista. Mas principalmente autores que misturam uma certa dose de fantástico/onírico com uma pitada de detetivesco. "A vida é sonho", já dizia um espanhol antigo, e gosto de encontrar essa percepção nos escritos de qualquer autor.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Estou trabalhando num projeto de três contos mais ou menos interligados. O primeiro já está pronto, e tem 35 páginas. Creio que os outros dois, que já estão crescendo, na medida do possível, terão mais ou menos a mesma dimensão. Não há continuidade entre eles, mas alusões imprecisas a fatos narrados nos outros contos. As personagens tem nomes diferentes, não há referência direta, mas, no fim das contas, seria um painel, com a narração de três fases da vida: em torno dos trinta, perto dos sessenta e a morte. Esse último estou fazendo a partir de uma reescrita, da apropriação livre de um conto de Ray Bradbury com o qual fiquei encasquetado. Este projeto é o primeiro que surge desde a publicação do romance. Nesse meio tempo fiquei muito envolvido com trabalhos ligados à minha profissão de professor. Agora essa idéia narrativa tem ocupado minhas anotações, e em comparação com O fotógrafo da primeira dama, enfatiza um pouco mais o caráter duvidoso e onírico das experiências internas dos personagens, levando a dúvidas sobre a identidade das personagens.

BITH (WILBERTH SALGUEIRO)



BITH (Wilberth Salgueiro)

Local e ano de nascimento: Três Rios (RJ), 1964.

Obras literárias publicadas (ou no prelo): Anilina (1987), Digitais (1990), 32 poemas (1996), Personecontos (2004). No prelo, isto é, sendo escrito: O jogo.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Tenho uma certa fixação pelo signo “lua”. Observar como os (altos) poetas se apropriam de um signo desgastado, como este, pode ser um bom laboratório.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Sou totalmente cabralino - e com esse adjetivo quero dizer que sou avesso a romantismos, espontaneísmos, pieguices e “subjetividades”. Sou pelo cálculo e pelas simetrias (que não abolem, mas disfarçam as assimetrias da linguagem e do mundo).

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Gosto de Cabral e Bandeira, Leminski e Ana Cristina Cesar, Augusto e Haroldo de Campos, Glauco Mattoso e Paulo Henriques Britto, Nelson Ascher e Arnaldo Antunes, Caetano e Gil. Na prosa, Machado de Assis, Guimarães Rosa e Reinaldo Santos Neves.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Estou tentando continuar os sonetos que compõem O jogo. Tenho doze prontos e o esquema construído. A ideia é narrar um jogo de futebol em, mais ou menos, 40 ou 50 sonetos. Já sei a escalação dos times, o resultado, as expulsões, o “narrador”, a participação da torcida etc. Tento juntar, assim, duas paixões: o prazer de jogar futebol e o prazer de escrever poemas - ambos dolorosos.

CIDA RAMALDES



CIDA RAMALDES

Local e ano de nascimento: Baixo Guandu (ES), 1961

Obras literárias publicadas (ou no prelo):

Apenas publiquei em coletâneas como o Instantâneo (2005) e os livretos do Varal de Poesias de Manguinhos (evento anual), entre outros.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Para mim o fazer literário é geração de imagem o tempo inteiro – antes, durante e depois. Como conseguir resumir em uma imagem ou metáfora? Gostaria de ter este poder de síntese.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Sou visitada por palavras à noite. Raramente acontece durante o dia. Algumas vezes as palavras rondam por noites e dias até o poema se formar, mas na maioria das vezes são como visitas inesperadas. Aparecem, dão o recado e se vão rapidamente. Dou uma lapidada mudando palavras de lugar, acrescentando ou substituindo outras e pronto. Se logo depois que escrevo sinto vontade de ir lendo, falando e memorizando é porque está no ritmo ideal. Gosto muito de falar meus poemas, dar a eles uma interpretação própria.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Manoel de Barros, primeiramente. Ele tem o poder da síntese e me emociona completamente. Tiro o meu chapéu p/ a capixaba Viviane Mosé, com ela tomei coragem de falar meus poemas em público. Tanto nas artes plásticas como na poesia, áreas que atuo, o diálogo é constante com tudo, de uma obra de arte a um aceno. De um grande texto a um papo de boteco. Olhos e ouvidos sempre dispostos a devorar.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Já estive à beira de publicar. Cancelei, hibernei e voltei a escrever recentemente. Neste momento tenho trabalhado com um grande poeta e amigo capixaba, Renato Fraga (via internet), eu aqui e ele na Itália. Estamos em processo, produzindo textos-poemas e gostando dos resultados. Interessante que ele também nunca publicou e tem uma produção intensa e gigante. Acredito que esta produção mútua venha a se tornar algo mais, talvez um livro. No momento estou focada na retomada da produção.

DANILO FERRAZ

02/02/2007

BREATHLESS

**A FILM BY JEAN-LUC
GODARD**

DANILO FERRAZ

Local e ano de nascimento: Rio de Janeiro (RJ),1983

Obras literárias publicadas (ou no prelo):

A fábrica (poesia,2009) Barrazero (romance, previsto para 2011)

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Nada pra mim representa mais em imagem no fazer literário do que a cidade,qualquer cidade.A minha vida é representada nas linhas escritas da cidade,numa forma poética suburbana,quase concreta,na margem.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Junção de sentimentos que explodem na solidão da noite,na maquina de escrever ou no computador.A boemia, o amor mal-resolvido,uma morena,um filme do Godard ou qualquer disco do Clash servem de inspiração,entretanto na madrugada que eu escrevo e nem percebo que já tem sol na janela.

Como nunca fiz oficinas de criação literária,eu não sei como a inspiração ilumina minha forma de comunicar,mas sei que a base de tudo é minha necessidade rebelde de expressão. Na forma de poesia é relativo, as vezes como pintar um retrato de uma situação e faço o poema,de vez em quando acontece de construir o tema (vide poesia concreta) e raramente vem de forma de anotação/rascunho de partes isoladas.Já em relação ao romance,escrevo diretamente no computador,um esboço do começo e vou criando novas cenas,díálogos e personagens numa teia que entremeiam o texto. A minha criatividade vem do dia-dia,talvez da noite-noite.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Décio Pignatari,Rogério Sganzerla (o grande mestre) Leminski,Mario de Andrade e Drummond (brasileiros) James Joyce, Maiakóvsky,Jean Luc Godard, Beatles,Bukowski, Dylan e Ginsberg (internacional). Foram vários livros que me influenciaram,mas ultimamente estou lendo o Sexus, de Henry Miller,que ganhei de uma amiga,a Manuela Curtiss e que estou gostando e dialogando muito.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Barrazero é uma romance com cara de viagem inspirada em Ulisses, de James Joyce, só que troquei a fria Dublin por um carnaval quente em lugar do Brasil.Eu escrevi em partes separadas,pois ele é dividido em horas na vida de um personagem suburbano que gosta de dinheiro e gosta de amor. Um romance sensível do terceiro mundo,diferente da raiva presente na minha compilação de poemas, A fábrica. O romance tem um pouco de mim,mas tem muito mais de outras pessoas, pois a minha vida não é tão relevante em relação ao carnaval, pois prefiro o Tédio à vodka ou o Toddy.

ELTON PINHEIRO



ELTON PINHEIRO

Local e ano de nascimento: Vitória (ES), 1969

Obras literárias publicadas (ou no prelo): Orações com vícios de linguagem (poesia, 2008).

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

O mar. Porque parece infinito. Porque mesmo com a indústria no horizonte, é o mar (o que eu chamo de horizonte de ferro e que de noite dá um quê Radiohead, aquela poluição politicamente correta e vermelha pairando sobre a cidade, à espera de seu futuro tecnocrata). Esse infinito para quem contempla o oceano sempre capturou meu olhar sobre ele desde minha infância na praia de Manguinhos em frente à casa de meus pais, quando essa experiência ainda tinha um razoável silêncio para se escutar o som próprio do mar, comentando lentamente nossa vida, compondo também ao mesmo tempo um discurso sonoro indomado e uma plasticidade de certo modo erudita, sem o aniquilamento sonoro e estético do cotidiano que traz sons e imagens preparadas para nós, contudo exógenas ao nosso desejo. Afinal, vive-se hoje num mundo cada vez com menos desejo, embora dele se fale. O departamento de marketing venceu as singularidades, a festa rave não terminará de manhã, tudo é fácil como se realmente fosse. Vive-se cada vez mais a anestesia com devoção. Já o mar sempre me propôs a sinestesia, a mistura de todas as artes, o desejo de dialogar com o mundo a partir do meu olhar sobre a imensidade.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Geralmente faço cadernos de artista, com desenhos, experimentos de tinta ou alguns lápis, letras para minhas canções, poemas e textos em prosa que são crônicas ou ensaios. Contos escrevo só no computador. Mas basicamente só começo um livro quando tenho um título, o que só acontece quando escrevo mais ou menos um terço do livro, que depois vai virar no máximo um décimo dele.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

A Bíblia é minha maior referência, e depois de ler James Joyce (que para mim corresponde na literatura a Schoenberg na música) isso aumentou. Outros autores são Homero, Dante, Virgílio, Shakespeare, Oscar Wilde, Rimbaud, Walt Whitman, Alvares de Azevedo, Jenaro Talens, Manuel Bandeira, Erza Pound, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa, Paulo Leminski, Andre Gide, Julio Cortázar, Kafka, entre outros. Trabalhos que me influenciaram são o conto A esfinge sem segredo, de Oscar Wilde; o conto O encontro, de James Joyce, que me mostrou que outros caras também achavam que as coisas interessantes não aconteciam na escola; o vinil Estrangeiro, de Caetano Veloso, pelo qual fui apresentado a um outro Rio de Janeiro; o filme Amarcord, de Federico Fellini; o cd Post, da Bjork, que reelabora, junto ao In Rainbows do Radiohead, muito da canção brasileira. A música Wave, de Tom Jobim e um verso de Chico Buarque, no vinil Amoroso, de João Gilberto, que ouvi pela primeira vez na trilha de uma novela de Gilberto Braga e pela qual achei que o som do violão assim era bonito. O filme Nostalgia, de Andrei Tarkovski, pela plasticidade arrebatadora. A obra Babel, de Cildo Meireles.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Orações com vícios de linguagem é um livro de poemas e foi o segundo que escrevi depois de retornar do Rio para Vitória, no final da década de 90. Em parte foi escrito enquanto terminava o anterior, talvez requerendo dele o mesmo sentimento evanescente. Contudo, o Orações... é noturno e errático, “investiga a superfície contemporânea”, ou tenta margear dentro dela limites que já não existem, provocado por uma análise social que se estendeu pelo livro que o sucede. Essa análise, sendo plástica também, requer outros adereços e índices, leva em conta que tanto a legitimação quanto a destituição do sujeito contemporâneo já não podem ser polidamente definidas embora sejam aparentemente deflagradas por forças diferentes.

GABRIEL MENOTTI



GABRIEL MENOTTI

Local e ano de nascimento: Vitória (ES), 1983

Obras literárias publicadas (ou no prelo): A Unidade do Todo (romance, 1998), Ensaios para Taxidermia (poesia, 1999), Yü (poesia, contemplado pelo Edital Secult/ previsto para 2010).

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Acho que não. Escrever é, pra mim, um exercício de espírito, e portanto essencialmente pragmático. Nesse sentido, o “fazer literário” é que representa outras coisas.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Bastante disperso e descontínuo. Eventualmente me vem à cabeça alguma idéia ou um versinho. Às vezes fico ruminando a respeito, muito levemente, quando deveria estar fazendo outras coisas. Anoto tudo. Vou acumulando rabiscos e arquivos doc. Daí, mais cedo ou mais tarde, eu me vejo obrigado a sentar e botar ordem nesse material. Esses raros momentos em que eu realmente estou escrevendo implicam em organizar palavras e preencher lacunas pra produzir coerência formal. É um processo que envolve dancinhas pelo quarto e muito café, e especialmente idas a cozinha para fazer café.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Muda toda hora. Eu sou muito influenciável e fico online mais do que deveria. Nesse exato momento, minhas referências são o 2666 (do Roberto Bolaño), as coisas do Francis Alÿs (que acabei de ver numa ótima exposição) e uma série boba chamada Jake & Amir.

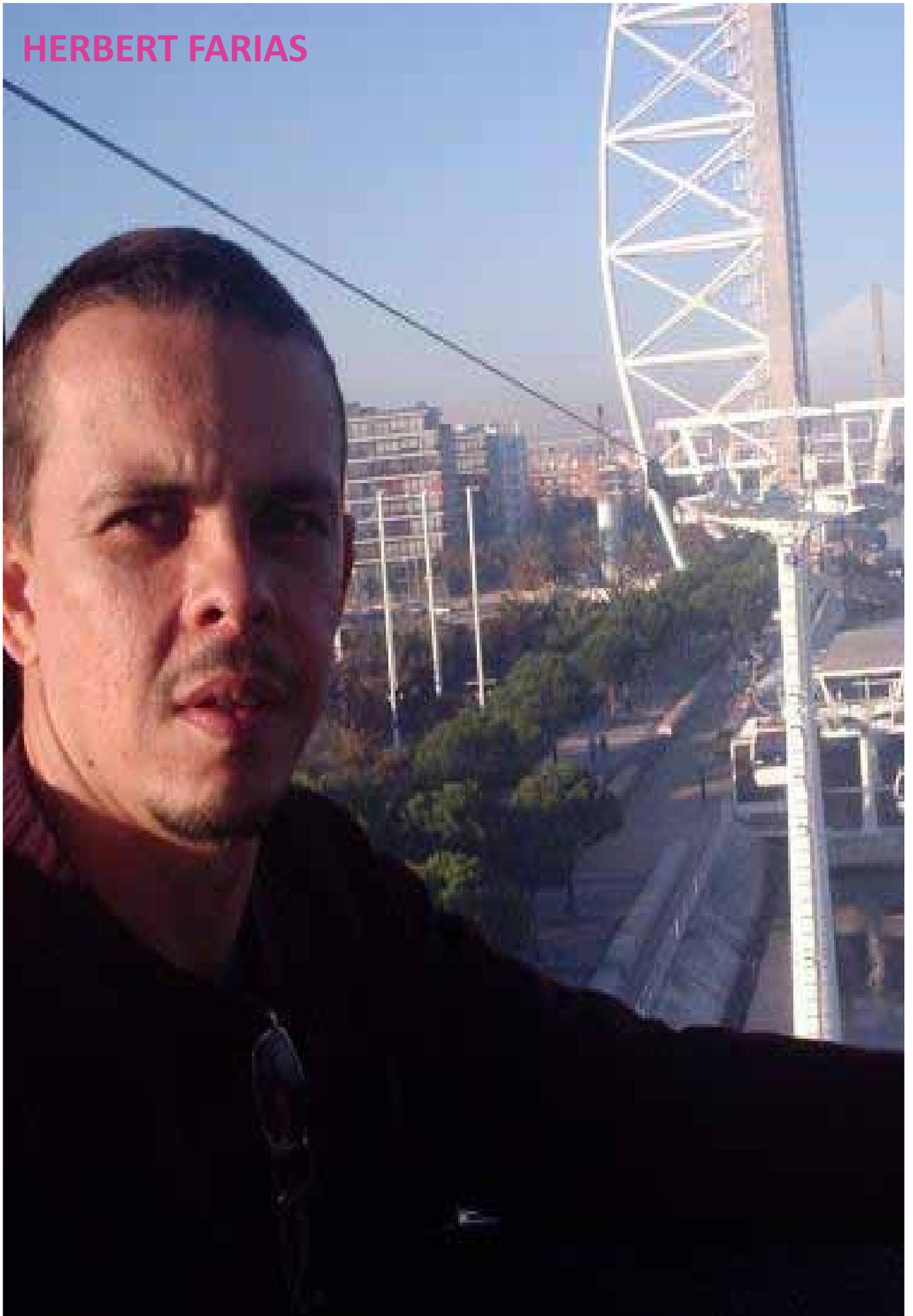
Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Yü: o nome foi tomado de empréstimo do I-Ching. É o hexagrama 16, relâmpago sobre (ou em direção à) terra, e originalmente significa entusiasmo. O sentido latino da palavra é uma feliz coincidência, porque em princípio o que me interessa é a imagem criada pelo hexagrama: eletricidade aterrada, puro desperdício de energia.

O livro deveria ter o subtítulo Poemas 1999-2009, porque é simplesmente uma coletânea de todos os poemas que escrevi desde Ensaios para Taxidermia. Só ficaram de fora os que eram incrivelmente ruins e os que foram publicados em coletâneas (mas mesmo esses fazem parte do livro como textos-fantasma). É um conjunto bem irregular. O mais antigo é Crônicas de Inti (que deveria ter entrado no Ensaios); o último, Fomalhaut (do ano passado). Eles foram reordenados tanto para esconder uma suposta cronologia de estilo quanto para explicitar temas comuns.

Em um contexto maior, Yü pode ser tomado como o encerramento (ou um despejo final) do ciclo (temático?) que foi iniciado prematuramente no Ensaios.

HERBERT FARIAS



HERBERT FARIAS

Local e ano de nascimento: Vitória (ES), 1966

Obras literárias publicadas (ou no prelo): Itinerário de uma ausência (contos, 2009), publicado, e Mecanismos precários (contos, contemplado pelo Edital Secult/ previsto para 2010).

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Há várias. Uma delas é a do depósito de sucatas, ferragens e guardados em geral. Escrevo trechos de coisas que não sei como acabarão, a que se destinam, guardo nos porões empoeirados dos velhos cadernos e do HD, sem coragem de deitar fora nem impulso para levar adiante, e um dia algumas dessas peças se encaixam, formam um todo que parece que não poderia ter sido composto de outra forma e em outro tempo. Outra imagem que me vem é a do mosaico ou à da bricolagem, com o festival de fragmentos antes desconexos, que se comunicam e engendram um conto. Outra metáfora, que não se opõe, mas complementa essa, é a de uma descarga, a purgação de uma angústia, de uma lava incandescente que tem que ser mostrada à luz para deixar de incomodar. Outra, por fim, é a da máquina ou projétil, como uma finalidade, um alvo: o conto, como diz Márcia Denser, é uma máquina de divertir. “Por Deus, ele tem que funcionar”, diz ela.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Meu maior problema é a falta de disciplina. Certa frase atribuída a Picasso diz: “Quando a inspiração vier, que me encontre trabalhando”. É preciso ter produção constante, até porque depois da primeira escrita a triagem que se faz pode condenar boa parte à geladeira, ao depósito de sucata de que falei acima, ou ao lixão mesmo. Meu processo de criação se assemelha à longa gestação de um monstro: quando ele finalmente fica pronto, já não se reconhecem suas partes em separado, tudo se amalgama num corpo ora esquelético, ora polpudo, mas desejoso de devorar o coração do leitor. Que aliás, não pode receber tudo de bandeja, precisa decifrar o monstro que o devora, pelo menos o leitor de literatura. Algumas vezes uma imagem, uma frase, um sonho deflagra o conto, que raramente fica pronto de uma vez.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

A bíblia é uma fonte inesgotável de inspiração estética, sobretudo as traduções mais antigas, como a de João Ferreira de Almeida. Também me agradam e me instigam as grandes distopias do século XX. Lembro-me até hoje do imenso impacto que me causou a leitura de 1984, de Orwell, há uns 20 anos. E de Nós, de Eugene Zamiatin; de Admirável Mundo Novo, de Huxley. Só recentemente li Fahrenheit 451, de Ray Bradbury, provocado por uma palestra de Jeanne Bilich. Cada página, ou frase, de Clarice Lispector, é um oráculo. E há Machado, com um riso provocador à socapa, que é sempre um prazer fracassar em repetir; e Nélide Piñon, com seu verbo de lâmina; e Lígia Fagundes Telles, e Mia Couto, e Saramago, e Italo Calvino. Sou devedor de todos e a muitos mais.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Meu primeiro livro, *Itinerário de uma ausência*, trata da crise de sujeitos incapazes de atenuar o esmagamento do mundo sobre eles: são seres que abdicaram da razão, por não conseguirem controlar a tempestade do entorno. O ludo da narrativa - e literatura tem que ser lúdica, antes de mais nada, tem que ser brinquedo, prazer – tenta ferir com verruma essa crise, esse esfacelamento e, por vezes, reaprendizado da vontade diante de um abismo que pode ser a falência das relações humanas, do corpo, do projeto existencial, da utopia íntima, mais cara que a coletiva ou a universal. Meu segundo livro, *Mecanismos precários*, ainda a ser publicado, embora com mais facetas, também trata dessa inelutabilidade, da perigosa exposição ao mundo, do sujeito risível que tenta se afirmar diante dos demais. Mas no *Mecanismos* já se vislumbra uma perspectiva maior de vitória, creio, mesmo que pontual, e uma licença maior ao humor nessa denúncia de tentativa e erro.

JORGE ELIAS NETO



JORGE ELIAS NETO

Local e ano de nascimento: Vitória (ES), 1964

Obras literárias publicadas (ou no prelo): Verdes versos (poemas, 2007), Rascunhos do Absurdo (poemas, 2010), Os ossos da baleia (poemas, inédito), além da participação nas antologias Virtualismo (2005), Antologia literária Cidade (2010), Antologia Cidade de Vitória – AEL (2010) e Antologia Encontro pontual (2010).

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Segundo Nietzsche, “a arte exista para que o homem não morra da verdade”. Parto dessa premissa para o enfrentamento da vida. Costumo afirmar que, para mim, poesia é pulsão de vida. Em meio aos embates diários que a rotina nos impõe, sigo buscando através da arte um legado sem tragédia. Faço isso buscando ter em mente a relevância relativa de tudo que sou e produzo. Complemento com um poema que resume, no meu entendimento, o fazer literário:

A poesia começa assim

Emprenhar-se de miudezas;
deixando as mãos rendidas aos gestos costumeiros.
E, quando a luz se aperceber, desmembrada
pelo estalo da palavra,
jogar-se nos trilhos
para salvar a flor.
(Rascunhos do absurdo – 2010)

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

A poesia não pode prescindir da inspiração. E foi apenas dela que me alimentei em meus poemas publicados no livro Verdes versos. Escrevi meus primeiros poemas por volta dos 9 anos de idade mas à partir da adolescência interrompi totalmente a produção poética para me dedicar ao estudo e, consecutivamente a minha formação como médico. Daí a longa pausa – aproximadamente 25 anos – sem escrever algo que não fossem textos acadêmicos. Quando retomei a escrita, foi tudo muito rápido, por vezes vários poemas por dia. Com o passar do tempo fui adquirindo um método. Aprendi a registrar frases ou mesmo palavras para posterior lapidação. Passei a registrar em qualquer folha de papel e, muito frequentemente, como texto ou mesmo gravação no celular (muitos poemas me surgem dirigindo). A poesia não pode prescindir também do trabalho e reflexão. Hoje trabalho com fragmentos guardados, mantendo os poemas “ao relento” como dizia Miguel Marvillá. Posteriormente retorno e retomo com mais distanciamento os textos para um melhor acabamento. Estou aprendendo a ter prazer também com o trabalho.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Minha primeira e, digamos, visceral referência, foi minha avó que me criou recitando versos, cantigas e cordéis. Analfabeta, ela era uma guardiã da memória oral do sertão nordestino. Também meu irmão que era jornalista e poeta. Em termos literários, em uma primeira

fase, eu citaria Carlos Drummond de Andrade, Augusto dos Anjos, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar e Manoel de Barros. Depois vieram Nietzsche, Camus, Shopenhauer, Borges, Fernando Pessoa, Dostoiewski e Kafka com os quais mantenho constante diálogo. Com TS Eliot e Pound aprendi muito sobre o trabalho com os poemas. Muitos outros poetas seguem deixando marcas, mas não é possível enumerá-los aqui. Através de meu blog tenho a oportunidade de conhecer e mesmo manter constante diálogo com vários autores brasileiros e alguns estrangeiros de minha geração. Em nosso Estado, não posso negar a influência presente e definitiva do grande poeta Miguel Marvilla. Por último José Augusto Carvalho, meu primeiro leitor com quem sigo aprendendo a cada dia.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Rascunhos do absurdo é meu segundo livro de poemas. Nele centro forças na minha preocupação enquanto homem, na elaboração do absurdo, ao meu ver, brilhantemente abordado por Camus. Aqui cabe dizer que o livro chamar-se-ia “O estalo da palavra” – que passou a ser o nome do capítulo possivelmente mais polêmico do livro.

Creio que nesse livro eu já consiga definir uma linguagem pessoal.

Eu tinha um número significativo de poemas e, juntamente com o poeta Gustavo Felicíssimo que colaborou com a organização, consegui um livro com poemas fortes e provocantes, como intencionava. Gosto de escrever poemas que tenham um visgo; que grudem no leitor. Que gere reflexão.

É um livro que me emociona muito.

MARILENA SONEGHET



MARILENA SONEGHET

Local e ano de nascimento: Vila Velha (ES), 1938

Obras literárias publicadas:

Nas Asas do Vento/ 1994 (poesias) - Trança/2001(crônicas); a Trilogia poética: 1. Castelã da Lua, 2. Claridade, 3. De Silêncio e de Ânforas/ 2004 - Era uma vez um lugar... Juçará/ 2006 (infantil) e: Trevo de 4 folhas (Hai-cais) - Canzoni D'Amore –italiano/português (parcerias). Quase no prelo: Panelão de bruxa, varinha de condão (infantil) – O Fio da Ninhada (título provisório – crônicas).

Principais participações: Antologias várias, organizadas por Francisco Aurélio Ribeiro, Miguel Marvilla e Reinaldo S. Neves, Assis Brasil (Ed. Imago), Publicações do Inst. Hist. e Geográfico ES. da Academia ES Letras, da Academia Feminina ES de Letras, da Academia Cachoeirense de Letras, Revista Você (UFES) entre outras. Cronista regular do jornal A Gazeta.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Duas frases: “A beleza das interrogações humanas” – esse desejo de entender o mundo, o profundo anseio de liberdade. Insulados em nós mesmos, inquirimos os horizontes (não raro, o horizonte interior). Escrever é um trabalho de reflexão entre intervalos de silêncio. A outra frase é de ordem prática: “Palavras que tenham o peso das coisas” – não é importante encontrar nomes novos para as coisas, mas sim. a palavra na medida certa. Mesmo fiel a esse conceito, não fujo de cometer travessuras, como brincar com o som e o sabor das sílabas.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Sendo intuitiva, e observadora, tudo me toca. Deixo-me levar pela inspiração do momento (refiro-me aqui às crônicas semanais), ao sabor das idéias, sem nenhum tipo de censura ou preocupação com a correção. Findo o texto, esqueço-o por um dia ao menos, a fim de criar o distanciamento necessário a uma análise posterior. Só então passo a de corrigir, enxugar, polir – o que muito me apraz, pois o texto ganha significado e força. Mas, no fundo, todo processo criativo é o fruto sazonado de uma constante interiorização.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Direta ou indiretamente , sofremos a influencia de nossos autores preferidos. Mas, mais que influência, eu falaria em ressonância , reconhecimento – a descoberta de nós, no outro. Quando pensamos...”isso eu gostaria de ter escrito ” – é pura identificação – sentimo-nos co-criadores. Ou mesmo uma sensação de ter sido... “roubada” - esse texto “tinha” que ser meu. Minha gama de leituras é vasta e desordenada. Leio muito, desde criança. De Eça de Queiroz a John Steinbeck, de Ciro Alegria a Juan Ramón Gimenes, de Saramago a Guimarães Rosa, de Lin Yutang a Raquel de Queiroz, de James Joyce a Flaubert (uma lista sem fim)...e nossos autores locais, absolutamente dignos de uma internacionalização de suas obras. Na poesia, descerro as cortinas para ler Nejar, sento no chão com Manoel de Barros, perambulo por ermas ruazinhas com Mario Quintana, Visto um sári para ler Rabindranah Tagore. Rreverencio Florbela Spanca, Salvatore Quasimodo, Gabriela Mistral, Paull Vallery, Neruda; Adelia Prado... e embalo na saudade - Miguel Marvilla e Hilário Soneghet.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

Por ora, trabalho um livro de crônicas, e “amanheço” um de poesias. A crônica do dia-a-dia é tão vária quanto o próprio – um dia faz calor infernal, vem o vento sul, daí chove, inunda, seca, torra, a brisa do mar nos afaga... De dia a gente ri à toa, à noite está reflexivo... Esse o sabor! Como diz Affonso Romano: “Conto meus casos, faço descrições, anoto momentos líricos, faço críticas sociais. Uma das funções da crônica é interferir no cotidiano.” [...]” O cronista é livre. Ele pode ser subjetivo. Pode (e deve) falar na primeira pessoa sem envergonhar-se. Seu “eu”, como o do poeta, é um eu de utilidade pública.” Quanto a seleção, não adoto fazê-lo por tema; há o risco de as semelhanças tornarem-se cansativas e sem brilho. Prefiro a variedade, como surpresas que surgem após cada curva... Guio minha seleção pela qualidade e senso crítico. Enfim, a vida me conta histórias - eu as reconto a vocês!

NELSON MARTINELLI FILHO



NELSON MARTINELLI FILHO

Local e ano de nascimento: Colatina (ES), 1988.

Obras literárias publicadas (ou no prelo): o poema “Temporal”, um dos contemplados pelo Prêmio Ufes de Literatura e que foi publicado em livro homônimo, e, no prelo, o romance A dupla cena, premiado pelo concurso literário promovido pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult), em 2010, na categoria “autor estreante”.

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Acho que esta é a pergunta mais difícil. Para respondê-la, vou tomar emprestada a expressão que Reinaldo Santos Neves utiliza lá pelas tantas de Sueli: “escrevo de ouvido”. Ponho no papel, portanto, o que soa de modo agradável primeiramente a mim, mesmo que dois meses depois eu vá me arrepender de ter optado por algumas coisas em vez de outras.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Basicamente, eu preciso de uma fagulha inicial que me faça pensar que aquilo pode vir a ser algo mais tarde, ou seja, que possa ser literariamente rentável. Grande parte dessas ideias primárias se perde no esquecimento em poucas horas. Quando consigo anotá-las em qualquer canto, salvas de um possível (e provável) lapso da memória, dependo de outro momento que é o de sentar para desenvolvê-las. É a parte complicada: tirar um tempo razoável em frente ao computador sem me envolver com nenhuma outra atividade paralela, o que quase sempre é um fato raro. Devidamente sentado e com tempo, é questão de pegar esse fragmento inicial – um verso, uma ideia para poema, uma característica para certo personagem, um trecho de diálogo, uma sugestão de cena etc. – e utilizá-lo de alguma forma ou descartá-lo definitivamente. Quando escrevo narrativa, isso se torna muito mais comum porque acabo pensando durante boa parte do dia em elementos para compor a ficção. Viro, então, um dependente de bloquinhos para anotar esses lampejos que se perdem facilmente (às vezes mesmo anotados).

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Em termos de ficção, Reinaldo Santos Neves é sem dúvida a primeira grande influência – escritor de cuja obra gosto muito, tanto para pesquisa acadêmica quanto para o prazer estético. Outros dois autores que sinto que influenciaram minha ficção (no mínimo quanto aos aspectos do humor e da ironia) foram Luis Fernando Veríssimo e Campos de Carvalho, com seu O púcaro búlgaro.

Conte-nos um pouco do seu trabalho mais recente.

O meu último trabalho se configura como a recriação ficcional de uma viagem que fiz ao Rio de Janeiro em fins de 2009. O que era para ser inicialmente um conto ou uma crônica acabou virando o romance A dupla cena. O processo de composição foi o mesmo descrito na antepenúltima questão: carregava sempre comigo um bloquinho para que pudesse anotar as ideias conforme elas iam aparecendo. Por tê-la escrito em período de férias, pude me dedicar quase integralmente à obra. O desenvolvimento se deu sem maiores problemas e, em cerca de três meses, eu tinha a primeira versão pronta para ser lida por amigos. Depois de feitas as alterações necessárias, obtive o texto definitivo que foi enviado à Secult.

SAULO RIBEIRO



SAULO RIBEIRO

Local e ano de nascimento: Vila Velha (ES), 1977. Mas vivi no interior do primeiro ano de vida até os 19 anos.

Obras literárias publicadas (ou no prelo): Cárcere (dramaturgia/coautoria, 2009), Diana no natal (contos, 2010), Ponto morto (Romance, contemplado pelo edital Secult, previsto para 2010) e Pardos – quatro peças de um ato (dramaturgia, inédito).

Há alguma imagem ou metáfora que represente o que é o fazer literário para você? Qual e por quê?

Um frase de Louis-Ferdinand Céline me acompanha sempre: “a gente é artista com o que encontra”. Neste sentido, minha lide com a literatura se resume a encontros com coisas/situações que impõe narrativa. O que contar está resolvido aí. Depois vem a luta com o texto. Outro problema. Até os 26 anos de idade produzir literatura era impossível pra mim. Meu texto não fluía. Tinha em mente quando escrevia clássicos do realismo mágico latino-americano. Não poderia dar certo, não era aquilo que eu encontrava por aí, embora admire García Marquez e demais confrades até hoje. Quando descobri John Fante e Charles Bukowski vislumbrei uma espécie de redenção e deixei de recriminar os temas que eu sabia escrever e não julgava dignos de produção. A internet foi o segundo passo, já superado no blog Duda Bandit.

Em linhas gerais, fale como é o seu processo de criação literária.

Não “escrevo” o tempo todo. Houve um tempo em que colocava um conto pra fora a cada semana. Hoje passo meses sem produzir literatura. Lido muito com a palavra. Quase sempre tenho textos encomendados para teatro ou roteiros em diversas mídias. Embora nestes a labuta seja a palavra, a dinâmica e calor são diferentes de produzir a tal “prosa de ficção”, o que mais gosto de fazer. O texto para teatro e o roteiro surgem com o trabalho diário, o ardor proletário. A prosa de ficção não. Ela diz quando vai vir e gosta de enganar a gente às vezes. Puro sofrimento. Eu finjo que não ligo pra não dar moral. Uma hora dá certo. Quando eu sinto que tem algo pra vir eu preparo a escrita. Tem hora que aquilo vira um conto, um capítulo de algo maior que é guardado para a futura obra, mas acontece de não virar nada e ser jogado no lixo meses depois. Saber jogar no lixo o que não serve – e, claro, saber que não serve - é uma arte.

Quais são suas referências (literárias ou de outras áreas artísticas)? Que escritores/artistas/livros lhe influenciaram ou com quais deles você costuma dialogar?

Leio muita literatura. Entre os 14 e os 28 anos li tanto que hoje meu maior divertimento são releituras. Presenças constantes nos últimos anos têm sido Louis-Ferdinand Céline, João Antônio, Marcos Rey, Reinaldo Moraes, Marcelo Mirisola, José Carlos Oliveira, John Fante, Charles Bukowski, Borges e Bioy Casares. Os compositores Sérgio Sampaio e Tonino Carotone também me inspiram muito.

O On the road do Kerouac teve grande impacto sobre mim. Quero distância dos outros livros do Jack, mas o citado me assombrou dois anos até me fazer comprar uma motocicleta e rodar três mil quilômetros em janeiro de 2007.

Tentei dia desses traçar uma linha na história da literatura brasileira (prosa) pra entender o que eu tento fazer e cheguei ao seguinte: Manuel Antônio de Almeida – Lima Barreto – João Antônio – Marcos Rey e Reinaldo Moraes. É por aí que tento caminhar.

Conte-nos um pouco do seu último trabalho publicado (ou em vias de ser publicado futuramente): o tema, o processo de escrita e de seleção dos textos, e como ele se encaixa no contexto de sua produção literária.

Lanço em outubro o livro Diana no Natal. É uma seleção de contos sob a aura do personagem Duda Bandit e suas andanças pela ilha de Vitória e arredores. Boa parte dos contos eu cheguei a experimentar no falecido blog, naquele processo de submeter a leitores e receber inúmeras dicas, toques, críticas e elogios. Um deles, o inédito *Little girl on the road* foi um dos vencedores do Prêmio Ufes de Literatura em 2010. O livro reúne apenas oito contos escritos entre 2006 e 2008, escolhidos entre mais de 30. Nele vários recursos que utilizo no romance Ponto Morto são usados pela primeira vez e vem daí a vontade de publicá-lo antes. Ponto Morto deve ser publicado pela Secult até o início de 2011.

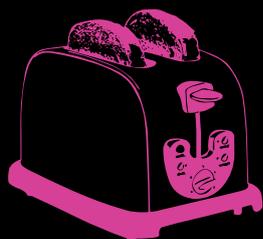
- O quê? **ALÔ**, *Lui?* Você **NÃO** ia mesmo fazer *nada*?
- Um *chá*, eu ia *fazer* um *chá*.
- **NÃO** era **CAFÉ**? Me *lembro* que você *falou* que ia fazer **CAFÉ**.
- **NÃO** tem mais *pó*. - *Ele lambeu a ponta* do INDICADOR, depois **UMEDECEU** o nariz por **dentro**. Então *sacudiu* o **CINZEIRO** cheio de *pontas queimadas* e *cinza*. Algumas **partículas** voaram, caindo sobre a *capa branca do disco*, com um *desenho abstrato* no centro. Com cuidado, juntou-as *num montinho* sobre o canto *roxo* da figura central. - **Nem coador de papel**. E acabei de me lembrar que tenho um *chá incrível*. Tem até uma *bula louquíssima*, quer ver? Guardei aqui dentro. - Ele **equilibrou** O FONE com o ombro e abriu a **CADERNETINHA** preta de *endereços*.
- *Chá não tem bula* - ela resmungou. Parecia **ABORRECIDA**, meio *infantil*. - *Bula é de remédio*.
- Tem *sim*, esse *chá* tem. *Quer ver só?*



Chá das Sete

CAÊ GUIMARÃES

Carlos Eduardo (Caê) Guimarães, nascido no Rio de Janeiro em 1970, é escritor, jornalista e, há três anos, cronista do Caderno Dois do jornal A Gazeta. Estreou em livro, em 1997, com os poemas de “Por Baixo da Pele Fria”, publicado pela editora Massao Ohno. Em 1999, pela mesma editora, publicou a novela “Entalhe Final”, e, depois, em 2006, “Quando o Dia Nasce Sujo”, livro de poesia publicado como um dos vencedores do edital da Secult de 2005. Nesse ano, o autor foi vencedor do edital da Secult na categoria de crônicas e, até o final de 2010, espera-se o lançamento do novo título: “De Quando Minha Rua Tinha Borboletas”. Paralelamente, Caê segue escrevendo o romance “Encontro Você no 8º Round”, ainda sem previsão de lançamento.



Eu sou jornalista. Entrei na Universidade em 1989 e me formei aqui na UFES. Eu escrevia desde menino, mas acho que o leitor surgiu antes do pretense escritor. Tive uma influência muito forte da minha avó materna. Ela era argentina e veio para o Brasil já adulta. Ela lia muito. Os argentinos lêem mais do que os brasileiros, infelizmente, e se aprofundar na literatura brasileira foi uma forma dela conhecer o país que escolheu para viver, onde teve filhos, netos. Então, desde moleque, como ela vivia conosco, eu ficava fascinado por aquela figura fumando, quando fumar ainda não era politicamente incorreto, e na frente da cortina de fumaça um livro. Ela lia o dia inteiro. A imagem é muito nítida na minha cabeça: uma senhora grisalha com um livro na mão e aquela fumaça, e uma parte da casa com uma estante repleta de livros. Já moleque, com cinco ou seis anos, eu começava a pedir, a perguntar inconscientemente pelo caminho. O que é ler? Por que ler é tão legal? E ela foi uma figura muito generosa nesse período. Ficava horas comigo, vasculhando livros. Por isso, primeiro surgiu o leitor.

Quando entrei na universidade já havia passado pela tentativa de aprender música e pintura, mas desisti. Na verdade fui aconselhado a desistir porque não tinha talento algum para isso. Naquela época eu tinha uma produção muito incipiente ainda, do menino de 16, 17, 18 anos, mas também tinha muita coisa guardada. Esse foi o momento em que percebi que havia potencial no que eu escrevia. Estava buscando outras maneiras de me manifestar, mas, na verdade, eu já me manifestava por aquela via. Então me

perguntei “Por que não começar a me aprofundar nisso?”. A partir disso decidi fazer jornalismo. Eu cheguei a ter um impasse, em um determinado momento, sobre se eu largaria jornalismo para cursar letras, mas continuei. Sou jornalista. É a minha profissão. Trabalho com jornalismo há aproximadamente 17 anos.

Nesse tempo, de 1989 para cá, comecei a pesquisar, comecei a levar mais a sério o ofício da escrita - que para alguns não é um ofício. Já em 1992, 1993, havia na UFES a Revista Você e havia nessa revista uma coluna chamada “escrivantina”. Quando estreei lá, quem fazia a coluna era o poeta Sérgio Blank, e eu já estava começando a mostrar o que eu escrevia, começando a perder um pouco a timidez. Foi muito bacana essa época, porque Miguel Marvillá, o saudoso Miguel, Sérgio Blank, Francisco Grijó, Waldo Motta, que eram escritores que eu conhecia de leitura, de boemia e de amigos em comum, todos foram muito generosos. E generosos em todos os sentidos: de abrir espaço, de indicar leituras, de indicar caminhos. Foi quando o Sérgio me convidou para publicar alguns poemas nessa revista, se eu não me engano, na virada de 1993 para 1994. E aí a coisa começou a acontecer na UFES.

Em 1993 o Orlando Lopes publicou “Hardcore Blues” pela editora da UFES, que também publicava ficção e poesia, e daí eu fiquei muito animado. Eu tinha aquele sonho juvenil de ter o primeiro livro publicado. A partir de então eu comecei a escrever mais, a avolumar, a trazer bagagem de leitura, de vida, de experiência própria. Em 1996, eu tive que ir a São Paulo a trabalho e resolvi pro-

curar o Massao Ohno, que já havia conhecido aqui no lançamento de O Segundo Livro de Enoch, do maestro Jaceguay Lins. Ele concordou em fazer o livro e assim surgiu “Por Baixo da Pele Fria”, que é uma coletânea de poemas de 1989 até 1996. E eu nunca me esqueço de algumas das frases do Massao. Ele falava “Não tenha pressa com literatura. Daqui a dez anos você vai começar a colher os frutos do que está colocando na rua agora”. De certa forma é um pouco isso mesmo. O tempo de maturação da literatura é lento, e, lembrando, era uma época em que não havia internet, não havia mídias sociais, não havia nada disso, então o tempo da divulgação e da propagação daquilo que você fazia era extremamente lento. Nessa época, como eu já tinha algumas ligações com Ouro Preto e Belo Horizonte, comecei a vislumbrar uma possibilidade de sair, fazer o livro circular em circuitos informais, e deixar de viver a maldição do escritor municipal, imagem criada pelo Machado de Assis falou. Assim, publiquei “Por Baixo da Pele Fria” em 1997 e eu fiz esse circuito: lancei aqui, em Belo Horizonte e em Ouro Preto, nos circuitos dos festivais de inverno.

Em 1998 me mudei para Ouro Preto para trabalhar na Universidade. Terminei um conto que havia começado anos antes, chamado “Entalhe Final”. O Massao gostou e fizemos o livro. Como a alma é gitana, em 2000 mudei de novo, para Belo Horizonte. Esse foi um período em que eu escrevi pra caramba, mas fiquei afastado de qualquer tipo de publicação ou cenário literário. Publiquei algumas coisas em jornais e revistas de lá, mas nada em formato de livro.

Retornei para o Espírito Santo em 2003 e, em 2005, surgiu o primeiro edital da Secult no qual eu me inscrevi e meu livro foi escolhido. “Quando o Dia Nasce Sujo” tem um processo bem diferente, porque ele não é, conceitualmente, uma coletânea de poemas como é o “Por Baixo da Pele Fria”. “Quando o Dia Nasce Sujo” é um mergulho numa noite de insônia. O primeiro poema se chama “Anoitece” e o último se chama “Amanhece” – propositalmente. Eu tinha bastante coisa e resolvi fazer um apanhado que tivesse uma unidade temática. E eu acho que ele tem um fio narrativo, se é que a gente pode chamar dessa forma na poesia, mais bem amarrado do que o primeiro.

Em 2007 eu comecei a publicar crônicas no Caderno Dois. Eu já havia trabalhado no Caderno Dois em um período bastante curto em 2005 e, em 2007, ao tomar um chope com o José Roberto Santos Neves, editor do caderno, mencionei que estava começando a escrever crônicas. Então ele me convidou para substituir a Mara Coradello, que ia entrar de férias. Substituí a Mara durante um mês e quando ela voltou ficamos revezando. Acho que é um exercício que a minha formação como jornalista facilita bastante. Involuntariamente, eu acabo mesclando crônicas líricas, poéticas, com crônicas de caráter jornalístico, com fatos que acontecem no cotidiano, no Brasil, no mundo. Tem sido um exercício bem legal.

Do ano passado para cá eu estou vivendo uma experiência que está sendo bastante gratifi-

cante, que é uma parceria com o Léo Grijó e o Marco Vianna. O primeiro é músico, sound designer, e é daqui. Ficou bastante tempo em São Paulo e agora voltou para o Espírito Santo. Nós gravamos uma série de poemas e ele fez uma ambientação sonora, eletrônica. Os poemas foram traduzidos para o francês pelo Gilbert Chaudanne e a gente gravou o próprio Chaudanne, a Aline Yasmin e o Ricardo Sá, e levamos para o Festival L'Espirit Poitou - esse festival de cultura daqui do Espírito Santo que acontece na França. Foi uma experiência nova e, ao mesmo tempo, está sendo muito legal, muito gratificante, ver a poesia saindo da superfície do papel. Porque, quando eu crio, isso sempre vem já no formato: esse vai ser um poema, isso vai ser publicado em um livro - principalmente agora que eu estou me envolvendo mais com prosa. Então, ver o meu trabalho saindo dessa superfície e sendo ouvido está sendo uma experiência bastante rica. O Marco Vianna também é daqui, é um produtor gráfico super talentoso. Estamos fazendo pesquisas com cartazes e painéis que juntam o trabalho dele ao meu.

De dois anos para cá eu estou escrevendo um romance chamado "Encontro Você no 8º Round", e essa está sendo uma experiência ainda mais interessante. Acho que não só pela novidade, mas porque é muito rico trabalhar uma estrutura narrativa longa, em que você cria personagens, cria todo um universo, em que cada personagem tem um en-

torno que nunca vai ser escrito, tem um indizível que está para além do que está narrado. Está sendo uma experiência bem legal e está me tomando bastante tempo. É um esforço de concentração maior do que a poesia, talvez. Porque meu processo de criação em poesia é bastante variável: às vezes eu fico horas, dias, meses, pensando em um poema e às vezes vem um em que eu não mudo uma vírgula. Por outro lado, às vezes há poemas em que eu fico, fico, fico, tem um frase que eu fico martelando dias, meses, e não sei nada - daí eu ponho na gaveta. Já aconteceu também de eu juntar um poema com outro que tinha sido feito um ano antes e fazer um processo de montagem. Eu estou até sentindo uma certa diferença, porque eu tenho usado o facebook às vezes para escrever algumas coisas, aquelas besteirinhas que eu escrevia, guardava e corria o risco de perder. Quando eu vejo e acho que não são tão besteirinhas assim, eu coloco ou uma frase polêmica ou um trecho de um poema. É legal, porque de certa forma está guardado ali, eu não vou perder, não vou rasurar, não vai se extraviar. Por outro lado acaba sendo um tempo um pouco diferente. Eu já me peguei escrevendo e postando direto e daí eu penso "Peraí, cara, você não parou nem para maturar o que você está colocando nessa superfície", que era uma coisa muito mais comum, talvez, num período pré-digital, pré-mídias sociais, pré-internet.

O resuminho acho que é mais ou menos esse. Esse livro de crônicas ("De Quando minha Rua Tinha Borboletas") vai ser publicado agora. Tem um livro de poesias também pronto para ser publicado, mas, uma coisa de cada vez.

E tem o romance, que eu estou sem pressa para terminar e que está sendo uma experiência muito diferente, muito enriquecedora e às vezes até meio perturbadora para mim.

Você disse, num entrevista ao Painel Literária, que o seu poema "Fragmento de Ninguém" é o poema do qual você mais gosta. Fale um pouco mais sobre ele.

Eu fiz esse poema em frente à UFES. Eu não sou músico, não toco absolutamente nada, mas, às vezes, de uma melodiazinha, eu começo um poema, puxo uma frase e essa frase acaba desencadeando em outras e formam um poema. E eu fiquei com uma melodia na cabeça, que era de um grupo chamado "Nau", do Vange Leonel. Eu falei que é um dos que eu mais gosto, mas talvez eu devesse ter me expressado melhor. Eu acho que é um que sintetiza bastante o que é escrever, tem uma frase dele que diz "Somente aos olhos é permitido tocar a distância". Eu acho que essa coisa de tocar a distância, e tocar à distância com os olhos tem a ver com o ofício mesmo da escrita. Escritor é um bicho meio voyeur, meio vampiresco, a gente fica olhando e tal. E com esse lance de estar escrevendo um romance agora, eu me sinto um vampiro de todos os seres que estão ali, porque eles têm vida. Às vezes, no trabalho, no ônibus, num bar, num restaurante, na fila do banco, você começa a olhar para as pessoas. É claro que não é o tempo todo. Eu não sou psicopata (risos), mas você fica olhando para as pessoas e imaginando personagens, imaginando o que está por trás daquilo ali, o que está por trás daquela aparência, como aquela pessoa vive, como

come, como dorme, como bebe, como ama, como faz tudo. Muitas vezes, principalmente quando eu estou esperando algo, eu escolho um ou dois e fico ali inventando historinhas. Ao mesmo tempo, não é uma coisa tão voluntária. Acho que é coisa de quem escreve mesmo, de escritor.

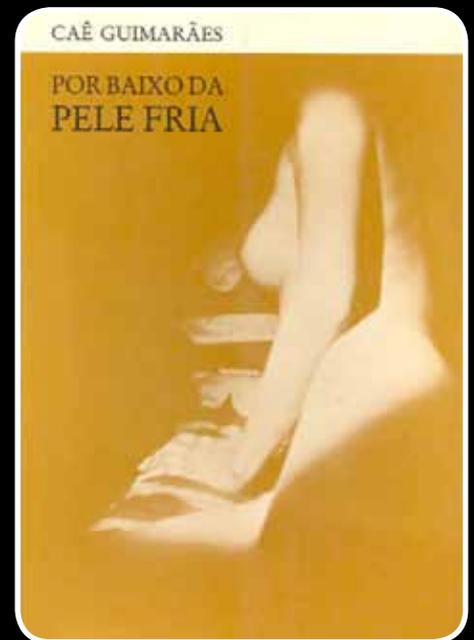
Esse poema me marca muito, porque, sem falsa modéstia, eu acho que ele é um poema bastante resolvido para um cara que tinha apenas de dezoito anos. Sinto a mesma coisa quando leio os poemas de Gemagem, do Marcos Tavares, e me pergunto “como é que esse sacana tinha essa maturidade toda aos 20 e poucos anos?”, porque o que está ali é magistral, é muito maduro, sólido. Acho que essa frase “Somente aos olhos é permitido tocar a distância” é muito feliz. Eu acho que ela fala muito desse ofício de escrever, de tocar “à distância”, de tocar de longe, mas, ao mesmo tempo, de tocar “a distância”, de tocar isso que é intangível. O que é a distância, né? Você pode medir por metro, por milhas, mas a distância da qual a gente está falando não tem uma mensuração pragmática. Acho que é um pouco isso. É mais essa frase que me toca pra caramba, que até hoje quando eu leio eu falo “Pô, obrigado a qualquer força do universo que me iluminou” (risos), porque eu acho muito forte.

Lendo seus poemas, percebe-se que há muito jogos de palavras, brincadeiras com a língua, e muita melodia, ritmo. Você pensa nesses jogos ou eles surgem naturalmente durante o seu processo de escrita?

Essa forma melódica surge natu-

ralmente. Claro, depois que você escreve, burila, esmerilha, lapida. Todo poeta, todo escritor, que pretende fazer um trabalho sério, consistente, transpira muito. Naturalmente sai, mas depois vem a coisa mentale, “eu vou fazer assim”. E, curioso, eu gosto muito de música, mas eu não toco nada, não tenho talento musical algum, sou desafinado para cantar. Eu acho que talvez seja um ritmo interno meu e fico sempre um pouco atento para ver se esses jogos melódicos na estrutura do poema não estão exagerados ou se eles não estão se sobrepondo ao logos, deixando de lado a logopéia que eu tentei colocar ali. De vez em quando, quando sinto que eu passo um pouco do ponto, paro: “Espera aí, está melódico demais”. Não é rima, né, mas é esse jogo de melodia mesmo. Até na prosa longa eu comecei a perceber isso. Fico até preocupado, principalmente quando é a prosa, de estar perdendo a estrutura narrativa. Mas eu não devo me preocupar com isso. Eu sou assim, é assim que sai. O desafio depois é a construção do prédio com a argamassa e os tijolos que fabriquei.

Antes de eu publicar, há umas cinco pessoas a quem entrego meus escritos para ler, exceto as crônicas. É um grupo que se expandiu com o tempo, meus “leitores afetivos”, como os chamo, mas não necessariamente escritores. E todos falaram uma coisa muito parecida, que há um envolvimento melódico forte. Mas não quero que isso vire um anteparo, que vire o mais importante, ou que sobressai. Isso é uma preocupação minha.





Você falou que o processo de fazer o segundo livro foi diferente do processo do primeiro, que o segundo teve um conceito por trás. Conta mais um pouquinho do conceito do “Quando o Dia Nasce Sujo”.

O primeiro, como eu falei, eram poemas feitos desde 1989, quando eu entrei na UFES, até 1996, quando fui procurar o Massao Ohno. Eu tinha bastante coisa. É um apanhado de um momento meu, jovem pra caramba, começando a escrever, num mundo que estava na cúspide do analógico para o digital, e isso é uma transformação muito maluca, acho que só quem viveu sabe. Eu acho que há muito daquela época, final dos anos 80, começo dos anos 90, e, talvez, alguma influência de letras de canções que faziam a minha cabeça naquele tempo. Acho que, por mais que houvesse um pouco já da melodia, havia muita influência de coisas que eu lia...

Tipo o que?

Eu vejo uns ecos, mas talvez seja só eu que vejo isso. Eu gostava muito de Picassos Falsos, do Cazusa, além dos grandes letristas da MPB, lá em casa se ouvia muita música. Fazendo poesia eu às vezes meio que tentava me aproximar do que essas figuras diziam, da MPB, rock, pop. E há a poesia. É um período em que eu lia muito Torquato Neto, lia muito Maiakovski. Leio ainda, mas eram leituras de cabeceira. Havia toda essa influência. Eu acho que é um pouco o retrato da época mesmo, eu ainda descobrindo uma porrada de coisa na minha vida pessoal, profissional. Acho que ele tem

um caráter muito pessoal, que às vezes a releitura me incomoda e que eu tentei suprimir no segundo livro.

No segundo livro há um sotaque um pouco mais cabralino, João Cabral é uma leitura constante para mim, acho que é o maior poeta da língua portuguesa em todos os tempos. Os poemas são mais curtos, são secos, aboli pontuação e, quando percebia que eu estava falando de mim, eu me distanciava, por mais que tudo que estivesse ali dissesse respeito a mim. Nesse período eu estava morando em Belo Horizonte. Foi quando eu comecei a construir esse livro e foi também um período muito convulsivo da minha vida pessoal. Então tem uma coisa meio de vísceras mesmo, expostas, por mais que o que eu tenha escrito eu tenha propositalmente enxugado e tornado menos pessoal, menos adjetivo e mais substantivo. Foi um processo mesmo de fazer isso. Com os novos poemas eu já voltei com a pontuação e já não há essa preocupação estética que eu coloquei de propósito no segundo livro.

O lance da insônia é porque eu sempre tive insônia, sempre tive um sono muito intranquilo. O título “Quando o Dia Nasce Sujo” vem exatamente daí. Eu falava “Porra, os dias estão nascendo sujos”. Eu não estava feliz, não era um momento legal. O título do primeiro, “Por Baixo da Pele Fria”, já era meio que a coisa da dissecação mesmo, de levantar a pele e mergulhar nas entranhas daquilo que está vivo, não necessariamente de um cadáver. Por isso “Por Baixo da Pele Fria”, descortinando esses véus, que acho que era uma coisa que refletia um pouco, também, um período inicial meu como poe-



ta, começando a escrever.

Eu acho que os livros estão muito ligados a um processo também de maturidade pessoal. Quando eu lancei o primeiro, eu estava com 26 para 27 anos. Quando eu lancei o segundo, de poesia, eu estava com 35 para 36, então eu já havia vivido coisas que, obviamente, influenciaram, assim como está influenciando o que eu estou vivendo hoje. O que eu escrevo está muito ligado ao que eu vivo, à forma como eu vejo o mundo, e isso é o acúmulo de experiência, de vivência, e de leitura que te dá.

Há uma frase do Raduan Nassar que eu acho muito bacana, daqueles cadernos de literatura do Instituto Moreira Salles. Ele fala, em um determinado momento, que, se ele pudesse dar algum conselho para escritores, seria que colocassem um olho muito atento nos livros da estante, nas referências que a gente lê, e um olho muito grande no livro da vida também. Você não pode dissociar uma coisa da outra. Eu, pelo menos, não consigo dissociar e não conseguiria me imaginar escrevendo sem me comover com o mundo, sem me comover com as pessoas, sem me comover com que está ao meu redor, com aquilo que eu vivo. Acho que eu vagueio muito por esses dois olhares. Por isso, acho que esse livro de poesia novo está ainda mais diferente. Os leitores é que vão dizer, mas acho que está bem melhor, em função disso mesmo: um processo de maturação, que vai do que você consome de cultura até as suas vivências, àquilo que faz parte da sua vida, que vai se somando a você.

Como você lida com todas essas referências, com essa idéia

de fazer texto para jornal, texto para publicidade, texto para a crônica? Como é lidar com tantos textos ao mesmo tempo?

As referências da cultura, do cinema, da música, estão naquilo que eu vivo, naquilo que eu consumo. No lance da publicidade, foi um período muito curto. Eu fiquei acho que seis meses numa redação de publicidade, mas vi que não era a minha praia. Não existe um compartimento estanque no meu processo: poesia, crônica, prosa de ficção longa ou a tentativa de um conto. Não existe talvez até pela prática diária do texto, pois, apesar de não estar em uma redação de jornal, eu escrevo todo dia.

O processo de escrever prosa longa, quando eu chego em casa, à noite, ou quando eu estou com insônia, ou nos finais de semana, é um processo de isolamento, eu me fecho mesmo. Não consigo escrever prosa longa concatenado a outras coisas. Já a crônica, não. Pode estar caindo o mundo que eu escrevo. A crônica, no meu entender, pelo menos na forma que eu me posiciono em relação a ela, está muito ligada à forma como eu penso, à velocidade do meu pensamento, ao tempo do meu pensamento e da minha fala. Na prosa longa já há um processo de maturação, de decantação, de ficar três horas numa página, numa frase, num parágrafo. A poesia também. Então eu acho que o que separaria seria isso: a entrega.

as no momento em que você trabalhou em redação você produzia?

Produzia. Eu durmo pouco, talvez seja uma vantagem (risos). Eu chegava em casa e produzia, também produzia no final de semana.

Na redação realmente não dá. Infelizmente, as redações de jornal são cada vez menos lúdicas, então você não tem muito mais tempo e espaço para conversar, é tudo muito rápido, muito veloz. Hoje, eventualmente eu trabalho de casa. Acho que isso me permite arrumar tempo, dentro de uma vida atribulada, numa região metropolitana que já não é tão bucólica assim, para produzir. E às vezes eu fico dias, principalmente com esse lance do romance agora, pensando na história, que não me sai da cabeça. É diferente, pelo menos para mim, do processo de escrever poesia ou do processo de crônica, que é bem imediato. Esse romance, por exemplo, eu estou escrevendo há dois anos, mesmo quando eu não escrevo. Porque eu acho que o escritor não escreve só quando senta pra escrever escreve. Você pode ficar seis meses sem escrever uma linha, mas você está escrevendo. Seu olhar para o mundo é o olhar de escritor. Então eu só faria essa dissociação: quando eu escrevo prosa longa eu preciso de isolamento total e absoluto mesmo. Já com a crônica é o tempo interno, é da forma como eu estou falando aqui. E a poesia é um mistério, né? A poesia é um grande mistério. Às vezes a gente não sabe de onde vem. Muitas vezes sabe e tem motivações e elementos que fazem com que você passe a refletir sobre aquilo e coloque o que viu e viveu no papel, mas também tem muito da memória, das suas paixões, das potências que te regem e aí acaba sendo um processo, ao menos para mim, um pouco mais incontrollável, eu diria. Você controla depois, mas o fazer é uma coisa

muito menos cerebral.

Ontem, no Café Literário, estava havendo uma discussão sobre “Para que serve a poesia” e foi comentado por um dos componentes da mesa que a poesia é inútil. Falando sobre essa questão de a poesia ser inútil, sobre você, na sua poesia: para onde ela vai? O que você espera da sua poesia para o público? Para que ela serve?

Eu acho que a poesia é uma inutilidade maravilhosa, eu colocaria esse adendo. Eu acho que a poesia é uma exacerbação da experiência de estar vivo. Claro, se você faz, se você tem um certo talento, se você se aprimora e se você coloca ali questões estéticas e filosóficas interessantes e que vão interferir nas sinapses do leitor, legal. A poesia e a arte em geral, para mim, não tratam do sentido da vida, mas da experiência em si de estar vivo. Para onde ela vai? Eu não tenho a menor idéia. Eu fico muito feliz e muito tocado quando há o retorno das pessoas. Blogs e mídias sociais são muito bacanas porque eu acho que tornaram os poetas seres menos solitários, pois, de todas as manifestações do espírito humano, a mais solitária de todas é a escrita, é a literatura. Quando eu vou saber que você gostou de algo que eu escrevi? Quando isso acontece é muito legal.

Eu não escrevo pensando no leitor. Não sei se era um pouco essa a pergunta. Depois que eu escrevo, depois desse movimento inicial, aí eu vou trabalhar, retrabalhar e aprimorar o texto. Eu não consigo escrever assim “Isso vai ser legal, vão

gostar” ou “Não vão gostar, essa temática é ruim”. Eu estou exorcizando meus demônios, estou tentando vencer a idéia da morte, da finitude. Lógico, depois é que eu vou trabalhar aquilo. Eu quero aprimorar, porque eu quero tornar aquilo o mais potente possível, o mais belo possível. Crônica já é um pouco diferente porque é jornal e a minha experiência como jornalista acaba também me puxando para isso. Às vezes a gente tem uma limitação de espaço que é meio cruel e a crônica já tem uma orientação própria minha de pensar que isso vai ser lido por um público que compra jornal. Aí sim eu tenho uma preocupação um pouco maior de pensar no leitor que vai ler isso. A prosa longa é muito novo. Confesso que, por enquanto, não estou preocupado com o leitor. Vou ficar depois, lógico. Quero que o livro seja lido, que seja vendido, que seja distribuído em todo o Brasil. E na poesia existe uma preocupação estética, mas não existe essa preocupação “Isso vai ser mais legal e vai ser mais lido por isso”. Não passa por aí.

Caê, você disse que escreve para libertar os seus demônios interiores, e o seu primeiro livro é um conjunto bem denso, que tem um significado forte, às vezes. De onde vem isso? Qual é o sentido desses demônios interiores? Você sentiu isso? É biográfico? Ou você vai montando essa personalidade por uma questão de estética?

Eu acho que uma coisa puxa a outra. A questão estética acaba sendo uma tradução do que eu sou. Numa entrevista do Saramago ele falava: “Não concordo com Sartre, de que o inferno são os outros. O inferno somos nós”. É claro

que eu não sou um demônio, do mal (risos), eu sou um cara relativamente tranqüilo, de bem com a vida, mas todas essas tempestades estão em mim. É curioso, porque quem lê fala “Convivendo com você, você é até leve perto do que está escrito, porque era de se esperar que você fosse um ogro, uma sombra, e você é um cara tranqüilo, comunicativo”. Acaba sendo um pouco contraditório, talvez. Claro que há alguns momentos em que eu entro nessa zona de sombra, de introspecção, e me isolo, mergulho mesmo nos meus demônios interiores. Acho que é um pouco disso: o inferno não são os outros, somos nós. Os meus demônios, os meus diabinhos, são meus, são a forma como eu me relaciono com o mundo enquanto para cada situação, para cada superfície de contato. É nesse sentido que eu falo que escrever, para mim, é o ato de aplacar a ira desses demônios e de vencer essa idéia de finitude. Talvez, se eu não escrevesse, eu fosse um cara completamente atormentado. Acho que colocar essas tormentas no papel e fazê-lo de forma desafiadora, para mim, trabalhando essas questões filosóficas, temáticas e estéticas, foi a maior terapia que eu consegui encontrar na minha vida (risos). Mas é muito autobiográfico sim. Por mais que os dois livros tenham estilos bastante diferentes, como eu falei, foram escritos em períodos diferentes da minha vida. É muito do que eu sou o que está aí e isso às vezes confunde as pessoas.

Sobre o romance que você está escrevendo, como é o processo de criação de personagens, de criação de consciências diferentes da sua? Como isso acontece, já que você disse ser a sua escrita bastante autobiográfica?

Talvez não esteja sendo tão complicado porque ele é narrado em primeira pessoa. Ele é narrado em um fluxo de consciência. O primeiro capítulo fala sobre um cara que tem um zumbido muito forte na cabeça. Esse zumbido é circunstancial e ele descobre que, se começar a correr para longe do centro da cidade, esse zumbido diminuirá e, na hora em que ele sai da periferia da cidade, o zumbido some. “Encontro Você no 8º Round”, porque esse cara é um lutador de boxe perto de se aposentar, aos 40 anos. Eu fiz boxe, pratico um pouco ainda, então há alguns dados autobiográficos aí, tenho a idade do narrador. Mas, é óbvio, apesar de ser narrado em primeira pessoa, os personagens estão ali.

Está sendo uma experiência legal porque eu consegui puxar muita coisa da minha vida, da minha infância, da minha adolescência, da minha juventude. É claro que existe um desafio, de você não perder o fio narrativo, de você não começar a entrar em uma história paralela. Aí a preocupação com o leitor acaba surgindo, antes até do resultado final, e eu me coloco como leitor. O labirinto da poesia é muito maluco, pois há a questão da linguagem e tal, mas o labirinto de uma estrutura narrativa mais longa também tem armadilhas, entradas falsas, saídas falsas, que são bastante desafiadoras. Então é uma releitura constante. Você está escrevendo e relendo, escrevendo e relendo. No meu caso, eu tenho essa preocupação de não tornar as coisas frouxas.

O lance do personagem é muito fascinante, porque é aquilo que eu falei no começo: existe um indizível por trás de tudo aquilo ali. Quando você lê qualquer livro

que está na sua estante mental, você tem aquela história que o Kafka escreveu, que o Dostoiévski escreveu, que o Joyce escreveu. Mas o que existe para além do que eles escreveram? Porque existe. Para o escritor existe. Há muito mais histórias. É como conviver com fantasmas mesmo. Quando você lida com esses personagens, há uma coisa meio espiritual - Pedro Nunes é quem me falou isso. Mas não é no sentido de religião, longe disso. Parece que você está invocando e construindo seres, fantasmas, e a história deles, obviamente, vai muito além do que está na narrativa. Esse é um prazer que talvez só o autor tenha. Cada personagem desses, para mim, tem um rosto, tem um tom de voz, tem um cheiro, tem um passado, que não necessariamente vai estar colocado ali.

Mas o desafio maior é esse: não perder o fio da meada. É uma experiência nova e às vezes eu fico com receio de, no afã de botar todos os demônios para fora, criar um mosaico confuso. Talvez por isso, também, esteja sendo um processo lento, que eu estou fazendo sem nenhuma pressa. É muito desafiador. Eu acho que é mais desafiador que qualquer outra coisa que eu tenha tentado fazer ou que eu tenha feito na escrita. É mais desafiador que crônica, poesia, conto. É mais desafiador do que qualquer coisa você construir uma narrativa longa, cheia de personagens.

Por último, a perguntinha básica: e autores que te inspiram, que dialogam com o que você escreve ou escreveu?

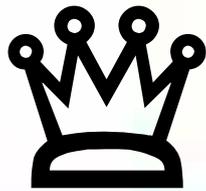
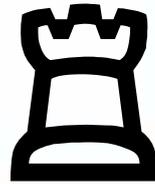
Na poesia, no Brasil, João Cabral, Mário Faustino, Murilo Mendes e Ferreira Gullar. Tem um monte

para citar, mas acho que esses são os que me afetam muito. Aqui no Espírito Santo: Sérgio Blank e Waldo Motta são figuras que marcaram muito a minha geração. E Orlando Lopes, que é um cara que eu li muito e é meio que uma referência. Acho que ele é o melhor poeta da nossa geração. E Marcos Tavares, um poeta monstruoso de bom.

De prosa, eu li muito Dostoiévski, Raduan Nassar, Henry Miller, Saramago, Camus, Clarisse, Lúcio Cardoso, Michel Tournier, Vargas Llosa, Garcia Marquez. E ultimamente o espanhol contemporâneo Fernando Royuela. Leio e releio Octavio Paz: ensaio, poesia. Eu acho o Octavio Paz um dos intelectuais mais brilhantes da América Latina de todos os tempos, uma figura ímpar para mim. Daqui, Fernando Tatagiba foi um cara que me influenciou pra caramba e que eu ainda li bastante. “O Sol no Céu da Boca” acho que é um livro estupefante. E Grijó, os irmãos Santos Neves, Pedro Nunes. A literatura produzida no Espírito Santo é de altíssima voltagem. Tem autores sensacionais vivendo e escrevendo aqui.

De poesia do mundo eu gosto muito do Hans Magnus Enzensberger. Ele é fenomenal, li muito. Boris Vian, também, Sor Juana Inés de La Cruz. Rimbaud, Mallarmé, os franceses todos. Poesia russa, também. Mas se eu fosse falar o poeta que me tira do sério: é João Cabral. Acho a poesia do João Cabral monumental, em todos os sentidos. •

VALISE





ISABELLA MARIANO

CHUVA



LÍVIA CORBELLARI

ERRATA



GIAN LE FOU

DE BRANCO



JOÃO CHAGAS

NO ÉDEN IV



SIDNEY SPACINI

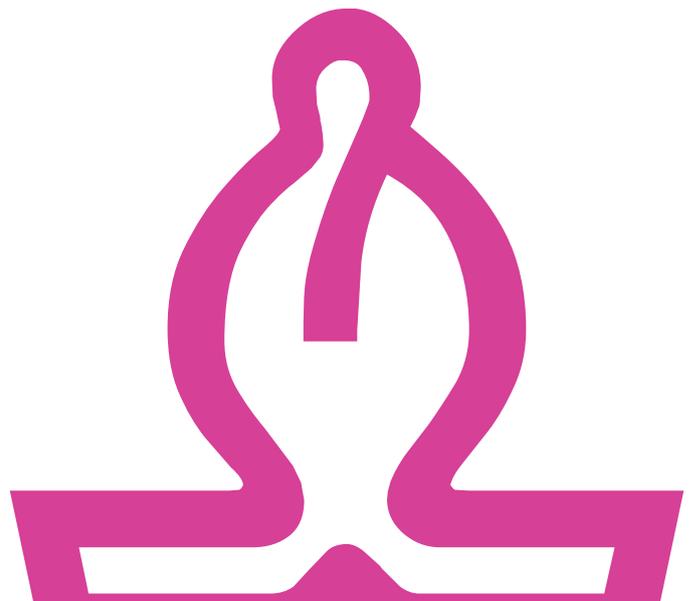
ROLETA RUSSA



ISABELLA MARIANO

Chuva

Cessa, chuva!
Que pressa é essa?
É saudade.
Do povo da aldeia,
Do cheiro da sereia.
É saudade.
Da preta assanhada,
Da noite inacabada.
De dois aviões
Pombos no deserto
Sobreviventes da tempestade
De saudade que se vive
Por isso chove. ■





LÍVIA CORBELLARI

Errata

Verbo impessoal pessoalíssimo

Gramática inversa

Porque Ele é a primeira pessoa

E Eu sou apenas a terceira ■





GIAN LE FOU

De Branco

Há um terror branco como uma cera
Ainda em forma líquida
Solidificando-se como um feto
Uma espécie de conhecimento proibido
Proibido

Ele pesa em mim como uma vaca morta
Eu pari essa vaca
Dei de mamar
Abençoei
Vi-a crescer, sorrir, amarelar
E não fiz nada
Agora ela está morta
Morta sobre mim

A morte grudou em mim como uma sanguessuga
Ela sempre precisa de mais uma
A morte instalou-se na minha casa e em mim
Como uma tia cadeirante

Toda noite ela flutua
E drena meu sangue usando uma taça de ouro
E, como a outra, ela deixa meu marido em paz
Paz, paz, paz
Ela consegue a proeza

Meus filhos ela nem conhece
Não faz questão
Ainda são muitos novos
Eles brincam como espuma, como orvalho, como pássaros
Ainda há tempo

Eu, Lucy, de branco limpa
A enganada
Os médicos não sabem de nada, de nada
Eu os expulsei como se expulsa uma enfermeira
O caçador, aquele patife
Muito menos
Ele brinca de frascos

O dia inteiro
Eu vivo para recuperar meu sangue
Que irá ser drenado de novo, e de novo
E eu sei disso
O pior é que eu sei

Se ao menos eu pudesse renascer
Aquela que destruiria tudo como o vento
Aquela que esqueceria marido, filhos, casa
Os ossos obsoletos

Aquela, aquela, aquela
Que viveria nas sombras, nas sombras. ■





JOÃO CHAGAS

No Éden IV

É como dizem lá do outro lado da América, as rodas esquentam no chão para esfriar os palpites da cabeça. Dá pra sentir os calos da estrada enquanto as luvas quase não tremem guiando toda a percepção. É tão impregnada a ideia de não querer se sentir no chão que as pessoas dizem que voam nos carros. É tão estúpido o conceito de fazer tantos muros em torno de si e querer se sentir livre ao mesmo tempo.

Mirtilo Coroado decidiu que já durava tempo demais essa calamidade de se sufocar quando se quer respirar. Não tinha carro, nem luvas, mas saiu andando pelos outros arbustos a ver onde dava. Encontrou uma cerca de tela laranja-escuro depois da quarta fileira, a da Azaléia. E já não havia como sair de lá. De alguma forma, alguém fez uma cerca de tela para que eles não fugissem. A propósito, todas as fileiras de arbustos viraram as flores rechonchudas para o lado, desaprovando sua caminhada. Decidiu seguir o contorno da tela, talvez haja uma saída. Rodeando a pequena estufa improvisada, e dando a se danar o seu tão tardio disfarce estético que as plantas exercem de não andar, viu que a tela não terminava. Viu um, dois três cantos e nada. Continuou procurando o quarto canto da sala. Cansou-se de ver tantas grandes e cinzas paredes (como chamam) crescendo muito mais rápido que qualquer outra planta e durando quase tanto quanto a Sequóia Molenga.

Mirtilo Coroado já teve seus erros, exerceu uma ou outra virtude e curtiu as primaveras que já passaram. Já bebeu do que tinha que beber, experimentou fertilizantes e outras merdas. Já viu suas folhas trocarem de cor. Caírem. Crescerem. Mirtilo Coroado, arbusto e os arredondados frutos azuis que olham para todas as plantas da estufa, e que todas as pessoas olham quando passam por ali. A torta de mirtilo é dita fazer a noite valer mais a pena. E o Mirtilo Torto ainda não encontrou a Coroa do canto de tela.

Mirtilo Coroado não vai virar torta no final desse dia. Andou tanto em voltas que cansou e foi se sentar perto de um arbusto menor. Quando a dona da estufa passou para checar as coisas, não viu o pé de mirtilo no seu lugar e ao abrir a porta, encontrou um arbusto no chão pingando suor e despedaçando numa tristeza infinda. Era toda a feiura feita naqueles pequenos galhos. Mirtilo Coroado morreu. Ela jogou pro lado de fora, onde aos poucos a consciência da sua corona começou a tornar-se parte do espírito pulsante de todo o bosque. Mirtilo Corona viu Passarinho vir e levar suas frutas para longe. A consciência estava livre e clara como zimbro destilado, porque agora Mirtilo Coroado cresceria do lado de fora da estufa. ■





SIDNEY SPACINI

Roleta Russa

1.

Eu tô com saudades de noventa e seis.

Putá ano bom cara.

Desce mais uma.

Eu já tava ralando igual um filho da puta

Eu continuo ralando igual um filho da puta

Mais uma aqui.

Noventa e seis foi quando lançaram o Playstation três.

Peraí... Acho que foi dois mil e seis

Foda-se.

O que são dez anos, né? Mais uma, chefia!

Daqui a dez anos eu vou estar na mesma. Se é que vou estar por aí.

Ano bom foi dois mil e seis.

Desce mais uma.

2.

Não sei por que as pessoas bebem.

O gosto nem é tão bom assim.

Mais uma aí, amigo.

Nego diz que não vive sem uma breja.

Porra nenhuma. Já vi gente morrer de excesso, mas da falta nunca!

Desce outra aqui.

Outro dia chegou um cara aqui, bebeu uma e capotou.

Jogaram o puto na sarjeta com aquela cara de mágoa afogada.

Põe mais uma aí

Eu acho que tem coisa que não dá pra peitar sóbrio.

Sobriedade é forte demais. Mais que a cachaça.

Desce mais uma.

3.

Tava pensando naquele poema do Drummond. Aquele da pedra.

O cara era foda.

Desce outra.

Quer dizer... é uma pedra, cara!

Que tem demais numa pedra?

Mais uma aqui.

“No meio do caminho tinha uma pedra.”

Eu devia estar é escrevendo poesia.

Põe mais uma.

Não que eu queira ser um Drummond. Imagina. O cara era ‘o cara’.

Ele tirava poesia de pedra

Desce mais uma. ■





Armas Secretas

Cida Ramaldes e Renato Fraga

Alessandro Darós



Os escritores Cida Ramaldes e Renato Fraga compartilham com os leitores da Graciano o exercício poético que ambos têm realizado recentemente. O exercício consiste num desafio: cada um envia ao outro um conjunto de palavras aleatoriamente escolhidas (aqui marcadas em vermelho), para que o destinatário elabore um poema a partir delas.

FÉ DA PUTA

Cida Ramaldes – 31/07/2010

Antena, tv, bombril
e casais dançando polka
sem me importar com chiados
e chuviscos coloridos,
pego o vermelho da fita
do traje da dançarina
e agrego à minha pouca fé.
Em que acreditar?
Cristal, duende, incenso e vela?
Cruzes, cálice e procissão?
Caldeira do inferno,
culpa e perdão?
Sem respostas
Visto o vestido aguça-libido
E vou, de salto 15,
Fazer ponto na estação

TARJA PRETA

Renato Fraga - 10/08/2010

Não quero ser saciado
daquilo que me vem.
Abro a geladeira até da casa dos outros
Assim como armarinho de banheiros
- ESPIADOR.
A greta mata
o grosso da curiosidade.
Quase pinel
compro uma caixa de Valium
(fosse mais cara roubaria).
A química faz função de abraços.
Abrindo
descubro coisas de não contar.
Quero – como muita gente –
vida mais tranquila.
(Talvez dobre a dose).
Em dias de calor
sequer uso
a parte longitudinal da cama.
Se percebo isso,

se cerco palavras tais,
é porque não tenho sono.
E se não tenho sono,
aumentou a dose.

OITO X OITO

Cida Ramaldes – 6/08/2010

Oito anos
mesmo endereço
mesmo edifício
e uma carta sem resposta.
Passeia no parque
ou pede uma gelada ao garçom?
Convida amigos
ou ouve um som alone?
Oito vezes sobe e desce escadas,
para no meio, olha para trás:
vê sobra e sombra
Nem a toalha lhe dá bom dia.
Oito dias espera
apoiada na almofada,
desejosa de boas vindas
e ninguém vem.
Reza oito ave-marias
todos os dias,
durante um mês.
Caça-palavras;
jogo dos sete ou oito erros
(talvez mais);
paciência e gamão.
Oito volumes de enciclopédia
E sua vida nem ocupa oito páginas.
Junta louças, copos e solidão.
Vê oito pessoas acenarem
para o ônibus que parte sem ela.
Fica assim, com medo do bicho pegar
e não comer.

O MEU TEMPO PASSA

Renato Fraga – Agosto, 2010

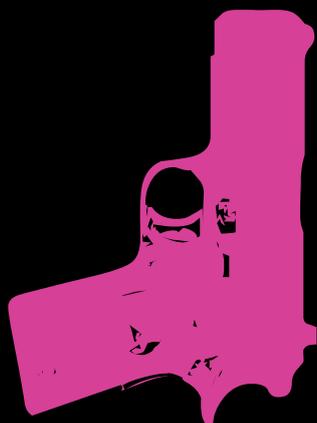
De modo caçara
eu pesco conversas e as corto em postas
para alguns amigos.
De modo grudento
fixo idéias e abraços
e espero o tempo colar.
De modo taturana
eu me faço lento
para ser tocado



- também com as dores me divirto -
E' durante a **tormenta**
que desejamos mundo **seresta**
com música, intenções na testa,
amor e lua.

O **mundo** é **pestanejar**: de menino
a velho
de velho
a menino.

Num estalar de dedos
sou capixaba, brasileiro, sou estrangeiro,
polaco, **cossaco**, indiano, marroquino.
Num estalar de dedos
me firmo e basta.



Renato Fraga nasceu em Vila Velha, ES. Participou das coletâneas Poiesis (1997) e Instantâneo (2005). Atualmente, prepara seu primeiro livro de poemas.

Cida Ramaldes (Baixo Guandu, 1961) é artista plástica e poeta, tendo participado de diversas exposições (coletivas e individuais) desde 1994. Publicou poemas na coletânea Instantâneo (Secult-ES, 2005) e finaliza atualmente um livro de poemas.



; apoucados, dedais plasmam copos no vestibulo; um véu encobrindo os átrios de janelas e portais, amarrando ao meio os sentidos com uma linha arroxeadada, caia o dolo; formas femininas por todo lado, vazando de toda parede, pendendo do teto árido, acicatando os anseios em vídeo e anverso, em instantâneos, molduras e telas – à francesa; a sassafráz âmbar se liquefaz em sabor de silhueta ruiva, doce como a imagem, nua; o coque, labaredas queimando a sinagoga e o juízo, alheio; gosto de pecado na casa velha com ares medievos, fundos de uma igreja; e do líquido ruivo, sorvido inúmeras vezes como cabe à volição, irrompe no paladar um pertinaz sabor de canela embebida no caos do aniquilamento; a nódoa no cenho esquerdo, de beleza fulgurante; a caixa em suspenso aponta a direção de rochas desnudas; pedras expõem a franca nudez d’alma de três coveiros pelas abas das portas; plainando no olfato, o cheiro bom que exala da pele alva, brinca de esconder-se entre os pelos das narinas; da nuca, próxima, brotam fios de fogo; contrasta com a lua o verde de um brilhantino e plástico foco de luz, revelando um cálice de estrelas no céu de tantos e inimagináveis brasis; poderia ficar assim por horas, comiserando esse teu cheiro, que guardo mnemônico; que sameia de veleidades as minhas sinapses vulgares, pondo fogo no sacrossanto pudor de gasganetes, entre Marseille tuiles authentiques;

Alessandro Darós (Resplendor, MG, 1972) reside no Espírito Santo há cerca de 30 anos. Licenciado em Filosofia e mestre em Estudos Literários pela Ufes, é autor do livro *Sqizo ou as patas do velho sátiro* (Secult-ES, 2006). O texto aqui publicado faz parte do livro que ele atualmente está escrevendo.

biblioteca + do que básica

Biblioteca Básica

A desbundada poesia erótico-mística de Waldo Motta

Por Erly Vieira Jr

Era 1994, eu tinha dezessete anos, havia acabado de entrar para a faculdade e começava a freqüentar o meio cultural capixaba. Naquele tempo, a Fafi era o “point intelectual” de Vitória e Waldo Motta ainda gravava seu nome como “Valdo Motta”, mas eu nunca tinha ouvido falar dele antes. Em algum daqueles happy hours culturais, bastante comuns nos saudosos anos 90, alguns poetas locais realizaram um recital no anfiteatro da Fafi, por ocasião do encerramento de uma oficina que o Chacal tinha realizado na cidade poucos dias antes. Um deles, baixinho, magrinho e com cara de poucos amigos, pegou o microfone, e se apresentou: “Meu nome é EDI-Valdo Motta. Edi, para quem não sabe, em gíria gay, significa...” e lá foi ele explicar pra platéia que Edi era um singelo sinônimo para o impronunciável e familiar orifício anal.

Na mesa em que eu estava, todo mundo já alto por conta de horas de bebedeira, não teve um que não caiu na gargalhada. Aí ele começou: “*No cu/ de Exu/ a luz*”. Risinhos por toda a platéia. “Pronto, a bicha endoidou!”, foi o que eu pensei. Ainda mais depois que ele encarnou o pastor evangélico, para entoar um texto de nome “Encantamento”: “*Ó Deus serpentecostal / que habitai os montes gêmeos, / e fizestes do meu cu / o trono do vosso reino, / santo, santo, santo espírito / que, em amor, nos forjais, / felai-me com vossas línguas, / atiçai-me o vosso fogo, / daí-me as graças do gozo / das delícias que guardais / no paraíso do corpo*”.

E aí o risinho do começo da apresentação foi se tornando cada vez mais amarelo. E todo mundo foi percebendo que o negócio ali era seríssimo. “*A poesia é a minha / sacrossanta escritura / cruzada evangélica / que deflagro deste púlpito. / Só ela me salvará da guela do abismo. / Já não digo como ponte/ que me religue / a algum distante céu, / mas como pinguela mesmo, / elo entre alheios eus*”, dizia um poema de nome “Religião”. Pronto. Antes de o recital terminar, eu já havia me tornado admirador incondicional do cara. Meses depois, matriculei-me numa de suas oficinas literárias. Foi uma das melhores coisas que fiz na vida. Das *Oficinas Poiesis*, ainda iriam surgir alguns dos nomes mais barulhentos da geração de poetas capixabas nos anos 90 e 00, mas isso já é outra história.

Até porque a história que quero contar aqui é a de Waldo Motta (nascido em 1959 na cidadezinha de Boa Esperança, situada no norte do Espírito Santo), cuja poesia situa-se no cruzamento entre o homoerotismo e uma leitura das Sagradas Escrituras, de uma maneira tão revolucionária e estarrecedora que proporcionou ao escritor muito mais barulho que qualquer poeta local fez no cenário nacional. E isso sem precisar de sair da ilha para poder ter algum reconhecimento nacional (condição que, infelizmente, ainda hoje é meio que regra para quem quer tentar uma carreira iniciada nas capitais fora do eixo hegemônico deste país).

E é Waldo que nos apresenta sua tão peculiar visão do cruzamento entre sagrado e erotismo na poesia, como podemos confirmar no prefácio de sua coletânea *Transpaixão*, publicada em 1999:

“Mas a doutrina que prego não é invenção, é uma descoberta: acredito piamente que encontrei a palavra perdida, secreta, impronunciável, e que nada me impede de anunciá-la, e nem a ninguém, apesar de Borges e do Imperador Amarelo. (...) Fodam-se todos: o sagrado é o sacro, e o grande segredo é que em nosso rabo está o Santo dos santos, o Céu dos céus. Por conseguinte, a solução de todos os problemas. E o povo brasileiro, com seus 200 e tantos sinônimos de bunda, parece intuir esta verdade maior.”

Isso já dá uma boa visão do que espera o leitor em cada um dos livros de Waldo. Ele afirma ser a sua poesia um “drama espiritual”, uma reflexão existencial, fruto de um processo de autoconhecimento e maturidade. Essa trajetória se inicia em 1981, ainda no norte do Espírito Santo, com a publicação de quatro livros



em tiragens independentes, de poesia desbocada, recheada de gírias e episódios afrontosa e assumidamente gays, em franca consonância com o escracho da poesia marginal sententista — esses trabalhos seriam reunidos na coletânea *Eis o homem*, publicada pela FCAA/Ufes em 1987, numa espécie de balanço dessa primeira fase da carreira.

Poiezen, publicado pela Massao Ohno três anos depois, já aponta uma série de reflexões metapoéticas que, junto a *Waw* (palavra hebraica que significa ponte, travessia), marcariam uma transição para a epifania erótico-mística de *Bundo*, livro de 1995 que revelou Waldo (na época ainda grafado com “V”) no cenário nacional. A publicação de *Bundo e outros poemas* (reunindo os então inéditos *Waw* e *Bundo*), pela Editora da Unicamp, em 1996, logo atraiu os olhares de diversos figurões das letras brasileiras para a irreverência solene do poeta capixaba.

Isso é o que podemos comprovar neste depoimento de Waldo, que transcrevo da gravação que fiz de sua recente participação numa mesa-redonda sobre poesia, realizada em Vitória, no Centro Cultural Up:

“Sempre fui considerado um poeta indecente, obscuro. Isto porque eu sempre misturei baixo calão com alto calão. Palavras difíceis, eruditas com palavras sujas, enlameadas, gosmentas. E não só por esta mistura de registros, também pela temática. Eu sempre me assumi como homossexual, não é uma palavra da qual eu goste, mas não tenho outra. E sempre fui muito místico. Logo, nas minhas pesquisas, estudos, aquilo que para muita gente não tem nada a ver, eu descobri que tem muito a ver. Sexualidade com religião.. O mais chocante de tudo é que nas minhas pesquisas quanto mais eu procuro Deus, o sagrado, eu sempre acabo chegando aos “países baixos”, a uma geografia muito interessante do corpo humano. (...) Desde o início da história humana, existem tabus. E o que eu descobri nas minhas pesquisas e que reflete na minha poesia, é que a sexualidade é tanto a perdição quanto a salvação da humanidade”.

Apesar de recusar o rótulo de “autor gay” que a então dominante tendência dos “estudos culturais” tentou lhe conceder na década de 90, Waldo foi tema de artigos, resenhas e textos diversos de Iumna Simon, João Silvério Trevisan, Célia Pedrosa, José Celso Martinez Corrêa e Ítalo Moriconi, entre outros. Sem contar que foi incluído pela Heloísa Buarque de Holanda na antologia *Esses poetas* (1998), que reunia a nata da geração 90 da poesia brasileira.

Waldo ainda participou de programas como o *Writer-in-residence*, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, além da bolsa concedida pelo Departamento de Cultura de Munique, em 2001, que lhe permitiu concluir o poema anagramático *Recanto*, que se tornou sua mais recente publicação, em 2002.

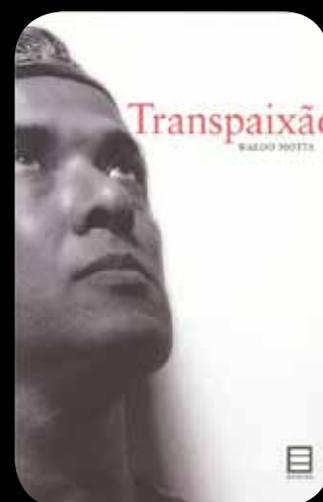
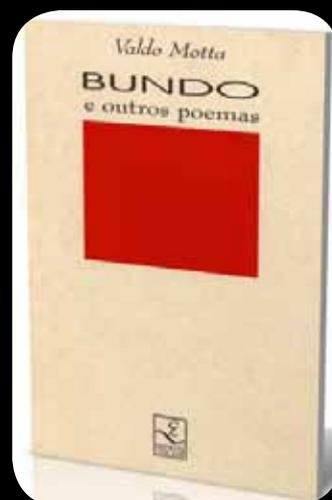
E qual seria a receita para a poesia de Waldo? Para ele, a poesia tem que fazer jus à origem do termo (do grego *poiesis*): descoberta, invenção, criação de realidades através do verbo: “Mas também descoberta de realidades e mundos ignorados, outras Américas e terras prometidas”, complementa, explicando que, para obter tais resultados, ele faz uso de recursos pouco usuais como interpretação de sonhos, numerologia, cabala, anagrama, estudos etimológicos de línguas como o hebraico, o yorubá e o tupi-guarani, além, é claro, dos textos sagrados oriundos de diversas tradições místico-religiosas. A isso, Waldo dá o nome de “método paraclético”, um método apocalíptico, escatológico, que pretende discutir exatamente o “fim das coisas”. Afinal, poesia, para ele é também vaticínio, profecia, sendo o poeta, dessa forma, a “antena da raça” de que tanto falava Ezra Pound.

Além de Pound, Waldo também me faz lembrar um outro nome fundamental do século XX: Jean Genet. Não só pela proximidade com uma certa marginalidade, mas também por uma opção extremamente sincera por viver de literatura (e Waldo leva isso tão ao pé da letra, ao ponto de residir, até o final da década de 90, num minúsculo porão no centro de Vitória, rodeado de livros e escritos, exatamente o período em que sua literatura mais freqüentou os cadernos culturais dos principais jornais de circulação nacional). No prefácio de *Bundo*, Waldo escreve:

“Minha poesia é uma síntese de meu projeto de vida, uma aventura em busca da Verdade, intuída como a ciência da restauração da condição divina (...). Não quero apenas escrever, mas também ser o que escrevo. Daí o entusiasmo e o tom solene, porque é algo sério; daí o caráter pregacional, mesmo que o meu discurso esteja ainda em construção”.

É ainda nesse texto que ele afirma propor em *Bundo* o cruzamento entre o “amor que não diz seu nome” e o “nome impronunciável” ou “palavra secreta”, tão presente nos textos esotéricos e freqüentemente associada à poesia. Uma mistura explosiva, não? *“Eu quero ser lido, entendido, debatido, assimilado, apedrejado, amado, babado, beijado por todo mundo. Mas não posso negar que sou perverso, perversejador. Eu sou perigo, sou um grande problema. Porque sou muito radical em tudo que faço. Arte, poesia é uma questão para mim de vida e morte”*, afirma o escritor.

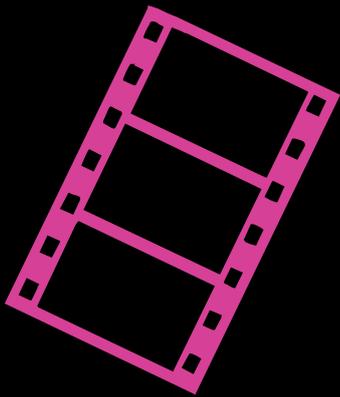
Para Waldo, a salvação não deixa de ser “uma senda erótica”, como comprovam versos como os do poema “As brincadeiras sérias”: *“Só pode amar quem moeu / seu eu na amorosa mó, / e desse pó renasceu”*. Convenhamos: afirmar isso, numa época em que boa parte da literatura brasileira tem tão pouco a dizer, já é mais do que suficiente para iniciar um grande debate, não acham? •



(Texto originalmente publicado no site Overmundo, e republicado no livro Rodapés, lançado por Erly Vieira Jr em 2009).

Videoliteratura

Por Sidney Spacini



Qual a interseção entre literatura, vídeo e espaço? Se tal não existe, precisa-se criar. Minha proposta no projeto Videoliteraturas foi buscar linhas de diálogo entre essas plataformas, numa linguagem híbrida que transcrevesse essa vontade de expandir e mesmo quebrar as fronteiras entre literatura e espaço pela utilização do vídeo.

Todas as instalações partiram de textos literários que não alcançavam a completude na plataforma estática. Parti então para a experimentação em vídeo, como uma forma de válvula que propiciasse a expansão das obras no espaço. Cruzei a lógica de vídeo com a ocupação do espaço, tentando mais uma vez dialogar com o leitor da obra por intermédio da invasão do espaço, numa forma de se buscar o espectador e trazê-lo para dentro do texto, que já não é mais o estático inteligível. Trata-se agora de um texto dinâmico. Reagindo com o ambiente. Um exemplo claro dessas foi o trabalho Reality Show

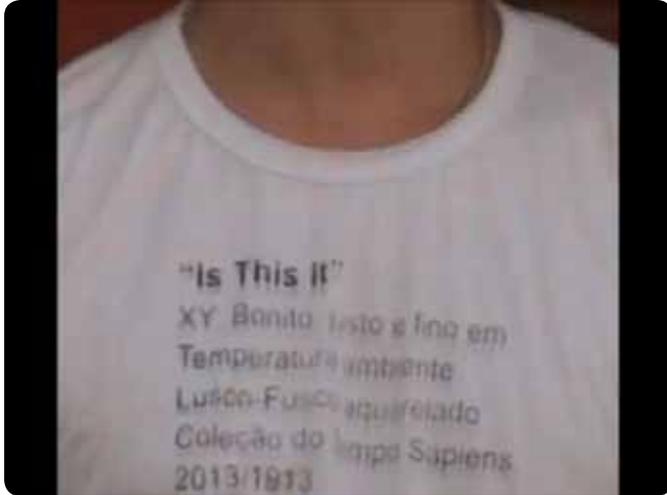
Frames reality show:



Onde busquei trazer o público para dentro da obra, de forma a traçar uma interseção entre o público e a obra em si.

Claro: nem tudo são flores no processo de execução das obras. Algumas peças tiveram de mudar e ser adaptadas por motivos diversos. No fim das contas todas as idéias originais sofreram mudanças drásticas para se adaptar ao diálogo proposto de uma forma passível de realizar-se. Nem todas foram possíveis de ser realizadas, e no processo surgiram mais idéias. Houve também apropriações de outros textos que não os produzidos por mim, que surgiram em virtude da necessidade de se construir parcerias para as execuções.

Frames do vídeo “seu título – is this it”:



Tais parcerias se mostraram muito frutíferas e trouxeram novas idéias da aplicabilidade do conceito “Videoliteratura” na medida em que esta se propõe a criar diálogos entre conteúdos e espaços, vídeo e literatura.

O projeto se tornou um aprendizado para a criação e a interlocução às quais me propus. Planejo, de agora em diante, continuar a produzir e experimentar os diálogos inovando nas relações entre as imagens, os espectadores e os suportes.

Dúvidas?

Sugestões?

CRÍTICAS?

Quer se comunicar com a equipe editorial da Graciano - Literatura Brasileira feita no Espírito Santo? Colabore enviando seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

contato.graciano@gmail.com

Ou acesse nosso blog:

revistagraciano.wordpress.com

Os Cronópios têm manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entretanto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, e-mail ou mesmo no msn para os seus amigos!

Colaboraram nesta edição

ALESSANDRO DARÓS

ASTRID MALACARNE

CIDA RAMALDES

ERLY VIEIRA JR.

FERNANDA BARATA

GIAN LE FOU

ISABELLA MARIANO

JOÃO LIGEIRO

LEANDRO REIS

LÍVIA CORBELLARI

LUCAS ROCHA

RENATO FRAGA

SIDNEY SPACINI



resposta que **vem** *morna* quando a mola do sorrir arrebentam
OU quando *o depósito que te* **abriga** *empoeirar* e apenas
aranhas e baratas **se fizerem** de amigas *abraça*
o vazio – que parece *ser simplório* mergulha no **transitório**
barbeie-se **com** a *navalha* do esquecimento

5. Caê Guimarães

